



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS

ROSEANA VITORIA DE SOUZA LISBOA

**A importância do amar a negritude como resistência: potencialidades educativas do
curta-metragem *Hair Love* (2019)**

**Brasília, Distrito Federal
2023**

ROSEANA VITORIA DE SOUZA LISBOA

A importância do amar a negritude como resistência: potencialidades educativas do curta-metragem *Hair Love* (2019)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

**Brasília, Distrito Federal
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LL769i Lisboa, Roseana Vitoria
A importância do amar a negritude como resistência:
potencialidades educativas do curta-metragem Hair Love
(2019) / Roseana Vitoria Lisboa; orientador Andrea Cristina
Versuti. -- Brasília, 2023.
79 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Curta-metragem. 2. Educação das relações
étnico-raciais. 3. Análise filmica. 4. Sequência didática.
I. Versuti, Andrea Cristina, orient. II. Título.

ROSEANA VITORIA DE SOUZA LISBOA

A importância do amar a negritude como resistência: potencialidades educativas do curta-metragem *Hair Love* (2019)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Andrea Cristina Versuti (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Renata Melo Barbosa do Nascimento (Examinadora interna)

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília

Professora Mestre Joice Ribeiro Maciel Antonelli (Examinador externo)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (Doutoranda PPGE/FE/UnB)

Professora Doutora Paula Gomes de Oliveira (Suplente/ FE/ MTC)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, Distrito Federal

2023

*Dedico esse trabalho a minha mãe,
minha maior referência e inspiração, aos
meus familiares, amigos, professores e
todos que me acompanharam nessa
jornada de descoberta
sobre amor próprio.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente...

A todos que me apoiaram e contribuíram para a realização deste trabalho e aprendizado, antes e durante minha trajetória na graduação em Pedagogia, que fazem parte da minha vida de forma direta ou indireta. Agradeço a cada uma das pessoas que cooperaram para a concretização dos meus objetivos e foram suporte durante a escrita deste trabalho.

Agradeço a minha mãe, Dona Ana, que me ensinou o valor da educação e sempre acreditou no meu potencial. Ainda que mãe solteira, ela sempre se esforçou por mim e pelo meu futuro, não medindo esforços para que eu tivesse a melhor educação possível. Minha maior inspiração e referência de mulher forte e guerreira, não consigo mensurar o orgulho que tenho dela como mulher e mãe.

Às minhas amigas, em especial, Tainara, Hugo, Vinícius, Ayrton, que acompanharam cada passo da escrita deste trabalho. E ouviram pacientemente meus relatos sobre as dificuldades e alegrias desse processo, todos foram fundamentais para que ele se concretizasse de maneira satisfatória.

Ao curso de Pedagogia que me deu amigas que levarei para sempre, Stephanie, Marina, Lucas, Milena, Elisângela. Com eles vivi experiências que irei levar comigo para sempre.

E por fim, agradeço especialmente a minha orientadora, professora doutora Andrea Cristina Versuti, que me acolheu durante o processo de escrita do TCC, com paciência e bons conselhos. Não há palavras que possam expressar a gratidão e o amor que tenho por nossa parceria.

*Batemos tambores, eles panela
Roubamos a cena, não tem canivete
As patty derrete que nem muçarela
Quente que nem a chapinha no crespo
Não, crespos estão se armando
Faço questão de botar no meu texto
Que pretas e pretos estão se amando
Rincon Sapiência
Ponta de Lança (Verso Livre).*

RESUMO

Hair Love (2019) é uma obra atual e relevante com grande repercussão, já que em 2020 venceu na categoria de melhor curta-metragem de animação do Oscar. Apesar de ser uma produção estadunidense, considera-se que pode ser utilizada para reflexões em sala de aula sobre a história dos afro-brasileiros. Isto porque, pelo olhar diaspórico, o cabelo possui suma importância na construção da identidade negra nas sociedades marcadas pela diáspora africana. Para orientar a escrita deste trabalho, definiu-se como objetivo geral a intenção de identificar as potencialidades de se trabalhar o curta-metragem *Hair Love* (2019) em discussões em sala de aula sobre questões étnico-raciais. Visando atingir do objetivo, a pesquisa de cunho qualitativo foi realizada a partir do levantamento bibliográfico articulando com a Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023 e a Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003, culminando na análise fílmica e na construção de uma sequência didática para estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental. Diante disso, foi possível destacar a importância do amar a negritude aliado à Lei 10.639/2003 para a criação de um autoconceito e autoestima positivas de pessoas negras, aspectos que devem ser construídos por meio de referenciais positivos negros, os quais são importantes na descolonização das mentes e sua consequente desvinculação dos ideais da branquitude.

Palavras-chave: Curta-metragem; análise fílmica; relações étnico-raciais; educação midiática

ABSTRACT

Hair Love (2019) is a current and relevant work with great repercussions, as in 2020 it won in the category of best animated short film at the Oscar. Despite being an American production, it is considered that it can be used for reflections in the classroom on the history of Afro-Brazilians. Since from the diasporic look, hair is of paramount importance in the construction of black identity in societies marked by the African diaspora. To guide the writing, the intention to identify the potential of working on the short film *Hair Love* (2019) in classroom discussions on ethnic-racial issues was defined as a general objective. Aiming to reach the objective, the qualitative research was carried out from the bibliographical survey articulating with Law 14.533, of January 11, 2023 and Law 10.639/2003, of January 9, 2003, culminating in the film analysis and in the construction of a didactic sequence for students of fundamental education. In view of this, it was possible to highlight the importance of loving blackness allied to Law 10.639/2003 for the creation of a positive self-concept and self-esteem of black people, aspects that must be built through positive black references, which are important in the decolonization of black people. minds and their consequent disconnection from the ideals of whiteness.

Keywords: Short Film; film analysis; ethnic-racial relations; Media education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Zuri acordando.....	40
Figura 2 - Zuri abrindo a gaveta.....	41
Figura 3 - Pai triste depois do fracasso de tentar arrumar o cabelo.....	41
Figura 4 - Calendário.....	43
Figura 5 - Zuri abraçando o gato.....	44
Figura 6 - Mural do quarto da Zuri.....	45
Figura 7 - Cabelo ao acordar.....	46
Figura 8 - Cabelo após a tentativa de arrumá-lo.....	46
Figura 9 - Pai lutando com o cabelo.....	47
Figura 10 - Zuri chateada por colocarem o gorro nela.....	48
Figura 11 - Pai e filha depois de arrumarem o cabelo juntos.....	49
Figura 12 - Mãe olhando desenho de Zuri.....	49
Figura 13- Propaganda que associa cabelo crespo à queimada.....	62
Figura 14 - Atriz Whoopi Goldberg.....	64
Figura 15 - População brasileira.....	65
Figura 16 - Lista de negros na política.....	65

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 - FILMES E SALA DE AULA.....	19
1.1 Por que trabalhar o cinema na educação?.....	20
1.2 A Lei 14.533/2023 e o cinema.....	21
1.3 O cinema e seu valor educativo.....	24
1.4 Filmes e educação das relações étnico-raciais.....	26
CAPÍTULO 2 - A LEI 10.639/2003.....	29
2.1 A Lei e o cinema.....	31
2.2 Amar a negritude e a Lei 10.639/2003.....	33
CAPÍTULO 3 - CABELO À LUZ DA COR E DO SOM.....	38
3.1 Cabelo e som.....	40
3.2 Cabelo e cor.....	41
3.3 Olhar opositor e criadores.....	49
CAPÍTULO 4 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	52
4.1 Relações Étnico-Raciais e Educação Midiática.....	54
4.2 Iniciando.....	56
4.3 Objetivos da Sequência Didática.....	57
4.4 Sequência Didática - Hair Love (2019).....	59
4.5 Concluindo.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	72
Filmografia.....	78

MEMORIAL

Meu nome é Roseana. Nasci em 2000, mas a minha história como tantas outras se inicia antes mesmo de eu nascer, pois fui adotada. Meu processo de adoção começou quando minha mãe biológica estava grávida de 3 meses, pois como era muito nova, ela não tinha condições de me criar. Então, desde cedo minha família é marcada por laços de afeto e não sanguíneos, até porque a minha mãe de criação, hoje com 78 anos, também não possui mais contato com a família dela de sangue, sendo que hoje minha família é composta pela família por parte do meu pai adotivo, segundo marido da minha mãe.

Nasci no dia 30/05/2000 em Goiânia, mas com dois anos, minha mãe de criação e eu viemos morar em Brasília, pois ela havia se separado do meu pai. Contudo, a relação com a minha família permaneceu a mesma, ainda tinha e tenho o suporte de todos. No que diz respeito ao meu processo educativo, ele se iniciou antes do meu ingresso em uma escola, já que só pude entrar quando eu tinha seis anos, no antigo Jardim III, devido a problemas com minha certidão e a adoção oficial.

Para entender a importância que a educação tem para mim, é preciso entender a trajetória da minha mãe e de como ela sempre reforçou a importância de se estudar. Educação foi um direito que foi negado a ela desde pequena, quando já adulta, ingressou num programa de Alfabetização de Adultos, chamado Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Porém, ela já era casada e trabalhava, então nunca conseguiu se dedicar, até mesmo dormia nas aulas. Até que nasci, e ela quis que eu tivesse todas as oportunidades que a ela foram negadas.

Devido ao meu ingresso tardio no sistema escolar, minha mãe, tentando evitar um atraso em meu aprendizado, contratou um vizinho nosso como professor de reforço, por isso quando eu entrei na escola, eu já sabia ler e escrever. Quando entrei no jardim III, não tive dificuldades para acompanhar a turma. É tão perceptível a influência da minha mãe e o acreditar dela na educação que no final do ano eu fui uma das oradoras da formatura do jardim.

Minha mãe, apesar de ser semianalfabeta, sempre me incentivou muito a ler e escrever, sempre comprava livros para mim. Ela sempre deu muito valor à educação, pois enxergava nela a possibilidade de transformação de vida, ela não queria que eu tivesse a mesma vida que ela, de doméstica, cozinheira, arrumadeira. Por isso, sempre se esforçou para que eu pudesse ter a melhor educação possível, assim eu estudei em escola particular e tive reforço até o 5º ano do fundamental I, já que ela não tinha como me ajudar nas tarefas.

Na parte escolar, eu sempre tive uma facilidade muito grande com qualquer matéria e qualquer conteúdo, desde o fundamental ao ensino médio, mas talvez por ter facilidade com as matérias, eu não me esforçava tanto para aprofundar meu conhecimento. Foi apenas no ensino médio que eu percebi que isso seria prejudicial para mim, porque eu queria entrar na faculdade, foi quando eu percebi que deveria estudar e me esforçar mais, pois não bastava apenas decorar para o vestibular, eu deveria aprender.

Agradeço ao ensino que tive no ensino médio, claro que eles focavam em vestibular, mas ainda sim hoje eu percebo que eles buscavam mais do que só nos fazer decorar. Minha primeira feira cultural foi sobre História do Rock e como se relacionava com períodos históricos. No segundo ano, meu projeto foi sobre percepções do cinema e a importância da paleta de cores para a recepção emocional no espectador, confesso que foi um projeto muito ambicioso para uma aluna do ensino médio. E no terceiro ano, nós tivemos algumas eletivas, história e cinema foi uma delas, apesar de na época eu não ter participado tão ativamente dessa matéria, ela me impactou bastante. Entender enquadramento, escolha de planos e paleta de cores se iniciou nesse momento.

Todo o meu ensino médio, eu fiz com 100% de bolsa. Eu me lembro que o ensino médio em escola particular era muito caro e minha mãe não tinha condições, então eu comecei a procurar inscrições para provas de concursos de bolsas. Consegui passar na prova de bolsa com 80%, mas conversando com o coordenador e diretor sobre minha situação financeira e mostrando meu histórico escolar, ele me concedeu 100%. Detalhe: a mensalidade era R\$2.500,00, não teria a mínima condição financeira de conseguir pagar. Então, lá estava eu em uma escola na qual boa parte dos alunos era da classe alta e brancos, foi quando eu percebi o abismo de diferenças de oportunidades entre nós, enquanto alguns alunos sonhavam em fazer faculdade fora do país, eu apenas queria ingressar na UnB, assim como a diferença de oportunidades de preparação para o futuro, como curso de inglês, informática, cursinho para vestibular, entre outros.

Quando entrei na faculdade, ainda não tinha certeza do que eu queria, mas sempre me interessei pelo processo de aprendizagem, por isso optei por pedagogia. Fui a primeira da família a ingressar em uma universidade pública. Apesar de ser uma grande conquista, minha família sempre depositou expectativas em mim, esperavam que eu me tornasse médica ou advogada, acredito que foi uma surpresa negativa para eles quando disse que faria pedagogia. Entrar na Universidade de Brasília foi como se um sonho meu e da minha mãe fosse realizado, eu realmente o concretizei. Estar na UnB é um processo de aprendizado constante, não apenas pelas matérias da faculdade, mas pela diversidade de

pessoas que lá se encontram.

É um processo de aprendizado interno também, foi apenas depois que eu ingressei e conheci outras pessoas que eu me reconheci como mulher periférica e negra, pois antes meu círculo de amigas era basicamente composto por mulheres brancas, já que sempre estudei em escola particular. Não é que eu não soubesse que não era branca, mas nunca me enxerguei como uma pessoa negra, acredito que não queria, eu sempre era a “morena”. Até outras pessoas me enxergarem como uma mulher negra.

Esse é um processo que fez com que eu repensasse até mesmo algumas características minhas, não somente do cabelo liso, mas como eu sou. Tem uma música do Racionais MC's, *A Vida é Desafio*¹, na qual em seu início ele fala: “Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser 2x melhor. Aí passado alguns anos, eu pensei: como fazer 2x melhor, se você tá pelo menos 100 vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu. Duas vezes melhor como?” Essa fala sempre me marcou, porque durante todo o processo escolar, eu nunca fui o bastante, não adiantava ser a melhor da turma, tirar apenas nota 10, ser representante de sala, ser aluna destaque, eu tentava ser 2x melhor. Eu sempre me cobrei muito para ser a melhor, a perfeita. Mas, isso só piorou quando eu tive que começar a cuidar da minha mãe, que hoje está com um quadro de demência moderado, simplesmente é impossível ser perfeita e dar conta de tudo, mas isso não faz com que eu pare de tentar. Foi só quando tive contato pela primeira vez com Neusa Santos Souza (2021, p.73) que entendi esse meu aspecto. Por que eu queria ser a melhor? “Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o ‘defeito’, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida”.

Além disso, passar pela transição capilar me deu outra perspectiva, porque eu simplesmente não sabia lidar com o novo cabelo, não achava tão bonito, tudo era muito complicado. Então, quando eu assisti *Hair Love* (2019), eu me reconheci na frustração da personagem Zuri ao tentar arrumar o cabelo e não conseguir, querer ficar bonita para um dia especial, mas nada dar certo, até mesmo de tentar dar um jeito no cabelo com um gorro ou no meu caso prendê-lo, mas ficar frustrada, porque simplesmente isso não bastava.

Em meu primeiro semestre, eu tive minha primeira experiência com ambas as minhas paixões, quando eu pude discutir cinema na matéria de Educação e Linguagens Tecnológicas. Na época eu não tinha tanta clareza do significado de tudo isso pra mim, mas

¹ Disponível em: https://youtu.be/52NT9cSWC_8?si=R6cu2S20cpA6mgje. Acesso em: 13 de agosto de 2023.

foi uma das matérias que mais me marcaram, lembro até hoje do filme que discutimos, Histórias Cruzadas. Acredito que foi uma das primeiras vezes que me identifiquei como negra quando meu grupo me identificou com tal.

Depois no decorrer da graduação eu busquei algumas matérias optativas que me auxiliaram nesse processo, unir o útil ao agradável, peguei matérias que discutiam a questão da negritude e outras que trabalhavam o cinema ou ambas. Educação das Relações Étnico-Raciais, Pensamento Negro Contemporâneo, História e Cinema: Perspectivas dos Feminismos Negros, Decoloniais e Interseccionais abordaram a temática da negritude. Foram momentos de muita reflexão sobre as minhas vivências como pessoa negra, pensar o motivo de chamarem meu cabelo de “bucha”, o racismo estrutural e como ele impacta, entre outros. Tópicos em Psicologia do Desenvolvimento - Animação Japonesa e Desenvolvimento Humano e Tópicos Especiais em Tecnologia Educacional abriu meus olhos para a maravilha do cinema e de como ele pode ser maravilhoso e educativo. Em alguns filmes, um diretor consegue passar uma mensagem em apenas uma cena com poucas palavras, coisa às vezes com uma hora de aula não poderia ficar tão claro.

Assim, durante a graduação eu percebi, antes eu sabia o que era ser mulher em uma sociedade machista, mas hoje eu percebo que há uma diferença entre ser mulher branca e ser mulher negra, ainda estou em um processo de entendimento e crítica, mas percebi o quanto esse assunto é importante e deve ser abordado criticamente desde o início da trajetória escolar, acrescentando, assim, mais um interesse acadêmico para pesquisa à minha lista. Com o meu TCC, eu busco unir dois interesses que tenho: educação das relações étnico-raciais e cinema.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar as potencialidades de se utilizar o curta-metragem *Hair Love* (2019) visando contribuir com a Lei nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003 em uma turma de 5º ano, trabalhando com seus elementos de identidade negra e o cinema. Além disso, esse trabalho busca trabalhar a aceitação e empoderamento de crianças negras por meio do ensino de sua ancestralidade de forma positiva e ressignificar a forma como veem um símbolo da identidade negra que é o cabelo, assim amando a negritude como resistência.

Hair Love é um curta-metragem estadunidense de 2019 escrito, produzido e dirigido por Matthew A. Cherry. Apesar de ser uma produção estadunidense, considera-se que pode ser utilizada para reflexões em sala de aula sobre a história dos afro-brasileiros. Uma vez que pelo olhar diaspórico, o cabelo possui suma importância na construção da identidade negra nas sociedades marcadas pela diáspora africana. Diáspora que se refere à imigração forçada de povos africanos que foram escravizados e levados para outros países ao redor do mundo.

Ao se fazer uma trança, *dreadlocks* ou penteado, como é a questão do curta, trata-se inicialmente de uma questão estética. Porém, sabe-se que ambas possuem raízes na cultura e história africana e possuem ressonância com a história de afro-brasileiros, portanto, o estudo e reflexão do curta está dentro da temática étnico-racial, e de acordo com as Leis nº 9.394/96, 10.639/2003 e, posteriormente, 11.645/2008.

Em 9 de janeiro de 2023, a Lei nº 10.639, que incluiu oficialmente em todas as escolas, públicas ou privadas, em seus currículos escolares o ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas, completou 20 anos, marco temporal muito importante para a luta do movimento negro. Essa Lei é importante, pois se obriga a trabalhar a temática étnico-racial dentro de sala, contribuindo para o combate ao racismo estrutural, uma vez que o conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e africana pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação à população negra. Além de contribuir para o fortalecimento das identidades e dos direitos dos afrodescendentes, de ser e estar.

A escolha de um curta para tratar dessa temática foi feita considerando a potência de se trabalhar com imagens, considerando a Lei 14.533/23 que institui a Política Nacional de Educação Digital, especificamente o eixo estruturante da Educação Digital Escolar, pois “As imagens do cinema e da televisão governam a educação visual contemporânea e, em estética e política, reconstroem, à sua maneira, a história de homens e sociedades” (Almeida, 2000, p.2).

Seu diferencial é uma mensagem de afeto e autoestima sobre uma família negra em uma situação cotidiana, incentivando o amor próprio, a partir da normalização do cabelo afro.

Além disso, o curta é uma obra atual e com grande repercussão, já que em 2020 venceu na categoria de melhor curta-metragem de animação do Oscar. Um aspecto interessante é que a produção do filme convidou para a cerimônia de entrega do Oscar o jovem De'Andre Arnold, que é o protagonista de um caso de racismo em sua escola, no Texas, onde ele foi impedido pela direção da escola a participar de sua própria formatura, por usar dreadlocks. Além disso, em 2023 irá estrear na HBO Max “Young Love“, série *spin-off* animada do curta “*Hair Love*“, a qual já encerrou a produção da primeira temporada. Isto só demonstra que a temática continua sendo atual em pleno século XXI e a necessidade de se discuti-la.

Para esse trabalho, adotou-se os seguintes conceitos referentes a negro e a branquitude. O conceito de negro adotado no presente trabalho é o mesmo utilizado nas pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Conforme convenção do IBGE, no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, já que a população negra é o somatório de pretos e pardos.

Já para branquitude, adotou-se a concepção expressa no livro, O Pacto da Branquitude, no qual Bento (2022) disserta sobre o conceito de branquitude construído ao longo da história, discutindo com vários autores sobre o tema. “De fato, a branquitude, em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais” (p. 62). Ao longo das páginas, ela discorre sobre diferentes conceituações para o termo branquitude, mas o argumento central é que seja um conceito que se refere a superioridade branca a qual justificaria um acúmulo de vantagens estruturais, materiais, simbólicas e de privilégios raciais para brancos, ou seja, um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco.

Privilégio branco esse que pode ser entendido como estado passivo, uma herança que os brancos têm, queiram eles ou não. Ser socialmente branco corresponde a exercer uma função social que lhe confere privilégios, autoridade e respeito que possibilita, por exemplo, a mobilidade social. Assim, é um conceito que atribui a tudo que se refere ao branco como um padrão universal, ou seja, algo melhor do que os demais, seja inteligência, beleza, religiosidade, música, práticas culturais, etc.

Para a exposição dos resultados, o trabalho foi dividido em 4 partes. Na primeira será apresenta-se a contextualização teórica, buscando discutir qual a importância de se utilizar o cinema na educação aliada a Lei nº 14.533/23. No segundo tópico, busca-se analisar as

prerrogativas da Lei 10.639/2003 em relação à educação básica, nos anos iniciais do ensino fundamental e o amar a negritude. No terceiro capítulo serão demonstradas as potencialidades do curta *Hair Love* (2019) por meio de análise fílmica. No último capítulo discute-se as potencialidades educacionais por meio de sequência didática aliado à implementação da Lei nº 10.639/2003, da Lei 14.533/2023 e da BNCC. Por fim, ofertamos as considerações finais da pesquisa.

OBJETIVO GERAL

Identificar possibilidades do curta-metragem *Hair Love* (Cherry, 2019) para promover discussões em sala de aula sobre questões étnico-raciais da atualidade, com foco no 5º ano da Educação Fundamental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar teoricamente a importância do cinema na educação, aliada às possibilidades trazidas pela Lei nº. 14533/23;
- Verificar as contribuições da Lei 10.639/2003 para fomentar as discussões dentro de uma sala de aula do 5º ano sobre questões étnico-raciais da atualidade;
- Analisar a linguagem audiovisual do curta *Hair Love* (2019) e seus elementos constitutivos, como paleta de cores e trilha sonora;
- Produzir uma sequência didática a partir do curta-metragem *Hair Love* (2019).

METODOLOGIA

Essa pesquisa de caráter exploratório tem por finalidade identificar possibilidades para utilizar o curta-metragem *Hair Love* (Cherry, 2019) em discussões em sala de aula. Isso foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e análise qualitativa da linguagem audiovisual de *Hair Love* (2019), por meio da decupagem das cenas de Ismael Xavier (2021) e da criação de uma sequência didática articulando com a Lei nº 14.533, de 11 de Janeiro de 2023 e a Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003, com foco nos estudantes do 5º ano da Educação Fundamental.

CAPÍTULO 1 - FILMES E SALA DE AULA

Entendendo a Educação (Brandão, 2005), como uma prática social da qual cujo fim é o desenvolvimento da pessoa humana por meio dos saberes existentes em uma cultura. Atualmente, vive-se um período de intensa exposição às imagens, ocasionado pelo grande avanço tecnológico iniciado pela Revolução Industrial a qual transformou radicalmente a sociedade, inicialmente pela mudança nas relações de trabalho.

A história do cinema² remonta à época da antiguidade, já que as sombras sempre exerceram fascínio nos seres humanos. Com o advento da fotografia foi possível fixar a imagem numa superfície, seja ela papel, placa de metal ou vidro. Desta maneira, não podemos entender a história do cinema sem compreender a história da fotografia. A primeira³ fotografia propriamente dita foi obra do francês Joseph Niépce em 1826. Tal fato abriu caminho para que em 1895, os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière, realizassem a primeira exibição pública cinematográfica.

Os irmãos Lumière eram filhos de um fabricante de materiais fotográficos, cuja fábrica estava localizada na cidade Lyon, França. Pesquisaram e aperfeiçoaram as primeiras câmaras fotográficas contribuindo para o surgimento da fotografia colorida. Através do cinematógrafo, começaram a realizar seus primeiros filmes que consistiam em captar imagens com o aparelho parado. Em 28 de dezembro de 1895, em Paris, no "Grand Café", foi realizada a primeira projeção cinematográfica tal qual conhecemos. Assim, numa sala escura, foram projetados dez filmes de curta duração como "*A chegada do trem à estação de La Ciotat*" ou "*A saída dos operários da fábrica*".

Ao longo do tempo, a fotografia, as imagens evoluíram, elas assumiram um papel importante na sociedade, não apenas no cinema, mas hoje transformaram o cotidiano dos indivíduos. "Um exemplo quantitativo dessa transformação diz respeito ao número de imagens que produzimos: em 2015 já se estimava que a cada dois minutos se captavam mais fotografias do que o total dos últimos 150 anos" (Fantin e Martins, 2023, p. 42). Sendo assim, é importante trabalhar as imagens na educação formal com crianças, visando seu preparo para o exercício da cidadania e sua vivência em sociedade.

Hair Love (2019) é um exemplo de como a sociedade influencia a mídia. Já que a

² Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema/>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

³ Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-fotografia/#:~:text=Na%20Gr%C3%A9cia%20Antiga%2C%20foi%20criado,at%C3%A9%20a%20inven%C3%A7%C3%A3o%20da%20fotografia>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

história do curta foi inspirada em um vídeo⁴ real de um pai norte americano tentando arrumar os cabelos de uma das suas filhas pequenas, Zuri. Esse vídeo “viralizou” em 2017 no *facebook* e chamou a atenção na época do futuro diretor Matthew Cherry, o que apenas reforça a importância de se discutir criticamente o significado das imagens e como elas podem influenciar nosso cotidiano.

1.1 Por que trabalhar o cinema na educação?

“A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época” (Kenski, 2003, p. 17). Em cada época, as tecnologias transformaram ao seu modo a realidade da sociedade. Criadas inicialmente para auxiliar o ser humano em sua sobrevivência, hoje elas estão tão entranhadas em nosso dia a dia que não conseguimos mais perceber que não são naturais. Segundo Nickerson (2005, p. 49 *apud* Lalueza, J. L.; Crespo I.; Camps, S., 2010),

A tecnologia é produto da cognição e sua produção é um processo cíclico, que se auto-perpetua. A cognição inventa a tecnologia, a tecnologia inventada amplifica a habilidade da cognição para inventar tecnologia adicional, a qual amplifica, assim, a cognição...(p.49)

Apesar de existirem outros tipos de tecnologia que vão além de equipamentos, neste trabalho será pesquisado o cinema. Na contemporaneidade, as mídias, como tecnologias de informação e comunicação, passaram a exercer sobre a população uma vigorosa ação pedagógica, com o advento da televisão inicialmente, mas hoje conta com outros veículos imagéticos, como celulares e computadores. Ação pedagógica essa que pode ser caracterizada por “transformar suas maneiras de pensar, sentir, agir. Muda também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos” (Kenski, 2003, p. 18).

Em seu livro, Kenski (2003) alerta sobre o bombardeamento que se sofre dia após dia com uma sequência de imagens, as quais por sua velocidade e quantidade tornam-se impossíveis de serem processadas adequadamente com certo distanciamento, assim elas passam a fazer parte do cotidiano com uma carga emocional para quem as vê, transformando o que é visto em uma pretensa realidade. Dessa forma, as pessoas se tornam consumidoras acríticas do universo midiático, sendo esse um dos grandes e importantes desafios para a escola atualmente: trabalhar com os alunos as imagens de forma crítica e reflexiva. Já que,

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos (Kenski, 2003, p. 20).

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/B3Zh5JhDe7s?si=XTFAqMHdkcl1f4Ik>. Acesso: 13 de agosto de 2023.

Assim, como descrito no início dessa sessão, a educação não se limita ao espaço por dentro dos muros das escolas, sendo assim a escola não pode ser pensada de forma isolada, devendo considerar entre outras coisas, a influência que as novas tecnologias de informação e comunicação exercem em seus alunos. Urge, pois, então a necessidade de uma alfabetização e letramento que envolva os artefatos imagéticos do nosso tempo, já que as imagens são um conhecimento importante a ser compreendido e interpretado.

Em “Ensinando a Transgredir”, bell hooks (2013) ressalta a importância da educação não ser apenas baseada na transmissão de conhecimentos, mas sim para emancipar as crianças e ensiná-las a pensar de forma crítica. Dessa forma, esse trabalho busca trabalhar alternativas para descolonizar a mente, já que como dizia hooks (2013), “mentes em busca da liberdade” podem um dia vir a transgredir e a transformar.

Isto posto, ao se pensar a educação como processo de socialização e a importância que as imagens possuem nessa sociedade audiovisual, a ideia de incluir o cinema na sala de aula como uma linguagem a ser estudada e interpretada torna-se essencial para a construção de um pensamento crítico. Por isso, Duarte (2002) propõe uma pedagogia do cinema, que trabalhe o cinema na escola como atividade essencial para a socialização e a inserção dos alunos no mundo cultural, contribuindo para diminuir a sensação da escola de ser um lugar à parte do mundo externo tecnológico. Já que “Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais” (Duarte, 2002, p. 14).

1.2 A Lei 14.533/2023 e o cinema

A Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Ela cria a Política Nacional de Educação Digital, com o seguinte propósito disposto no Art. 1º: “potencializar os padrões e incrementar os resultados das políticas públicas relacionadas ao acesso da população brasileira a recursos, ferramentas e práticas digitais, com prioridade para as populações mais vulneráveis”. Em seguida, para alcançar o objetivo do artigo 1º, ela apresenta os seguintes eixos estruturantes, de acordo com o inciso 2º:

- I - Inclusão Digital;
- II - Educação Digital Escolar;
- III - Capacitação e Especialização Digital;
- IV - Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (Brasil, 2023).

As iniciativas brasileiras voltadas à inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação básica deram seus primeiros passos na década de 1970, período em que diversos países direcionaram esforços na realização de atividades orientadas para o uso das TIC no contexto educacional. Desde o início dos anos 1980 foram criadas políticas públicas das quais se originaram vários projetos e programas desenvolvidos no âmbito nacional. A mais recente foi a criação da Lei 14.533, com a qual o Estado brasileiro reconhece a necessidade de preencher a distância existente entre as competências digitais dos jovens e adultos brasileiros e as exigências cada vez mais rápidas da transformação digital, presente em todos os setores da vida, inclusive no exercício da cidadania e no mundo do trabalho.

A Política Nacional de Educação Digital (PNED) alterou o art. 4º da LDB e tem o propósito de garantir a educação digital a crianças, jovens e adultos, em todas as instituições de Educação Básica e de Ensino Superior, para que desenvolvam competências digitais, com ênfase ao letramento digital e informacional, ao pensamento computacional, à cultura digital, aos direitos digitais, à aprendizagem de computação, de programação, de robótica, entre outras. Como disposto no artigo 3º da Lei,

Art. 3º O eixo Educação Digital Escolar tem como objetivo garantir a inserção da educação digital nos ambientes escolares, em todos os níveis e modalidades, a partir do estímulo ao letramento digital e informacional e à aprendizagem de computação, de programação, de robótica e de outras competências digitais, (Brasil, 2023).

A Lei em si não aborda diretamente cinema, audiovisual ou imagens, porém como dito no tópico acima ao se pensar a educação como processo de socialização, percebe-se a importância que as imagens possuem nessa sociedade audiovisual, ou seja, a escola encontra nas definições do eixo “Educação Digital Escolar” uma abertura para discutir o audiovisual. Assim, como aponta Fantin,

Considerando que o universo da cultura digital é constituído a partir de diferentes linguagens, entre elas a visual e audiovisual, enfatizamos a importância da interdisciplinaridade entre educação, comunicação e arte para refletir sobre a potencialidade do encontro entre imagens do cinema com o espectador enquanto experiência ética-estética capaz de promover reflexões e possíveis deslocamentos nas suas posições de ver/ouvir o mundo, bem como nas práticas midiáticas e digitais. (Fantin e Martins, 2023, p. 41)

Assim, a educação sofre também influência das novas tecnologias de informação e

comunicação, não se limitando apenas ao espaço por dentro dos muros das escolas. Cada vez mais isso se torna evidente, a pandemia da COVID 19 apenas acelerou esse processo, como visto com o aumento da propagação e da crença em *Fake News*. Isso tornou necessário não apenas alfabetizar digitalmente, aprender a utilizar os equipamentos, mas também ter uma capacidade crítica quanto ao seu uso, chamada de letramento digital. hooks (2020) discute a importância do pensamento crítico na sociedade e explica sua construção como sendo um processo interativo que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes. O processo de pensamento crítico exige que professores demonstrem por meio de exemplos como ocorre a aprendizagem ativa, ressaltando que a forma do conhecimento está sempre em constante mudança.

Silva (2018) explica a diferença de alfabetização digital, letramento digital e fluência digital. A alfabetização está ligada à construção de competências com relação ao uso básico das Tecnologias Digitais, o que inclui um conhecimento fundamental de computador, dispositivos móveis, de comunicação e de informação. Já o letramento digital interage com as tecnologias realizando práticas como saber pesquisar, selecionar, avaliar a informação. Enquanto, a fluência digital busca construir competências em um nível mais complexo. Entende-se que o sujeito será fluente digitalmente quando se tornar um participante ativo nas redes, os indivíduos fluentes em tecnologia da informação são autores, avaliam, selecionam, aprendem e usam tecnologias da informação conforme apropriado para suas atividades pessoais e profissionais sendo um participante ativo na *web*, como produtores.

A construção de competências midiáticas e audiovisuais se tornou uma necessidade, já que apesar das mídias e tecnologias favorecerem a produção e compartilhamento de imagens e mensagens, elas não favorecem isso de forma segura, ética e crítica. É necessário que toda e qualquer pessoa entenda que os meios digitais não são neutros. “Da mesma forma que asseguram a participação e a voz de cada um, também podem marginalizar outras formas de conteúdos e de expressão” (Fantin e Martins, 2023, p. 45). Ao trabalhar o cinema em sala, pode-se trabalhar vários aspectos da tecnologia, da sociedade, do convívio entre pares, entre outros de forma transversal. Fantin e Martins reforçam essa possibilidade,

Pensar o cinema nesse espectro demanda colocá-lo sob outro prisma histórico que não o isole da história, dos mecanismos de ver e produzir imagens, implica repensar as experiências de participação nos espaços da cultura digital, pois é no entrelaçamento das experiências formais e informais que a literacia filmica e audiovisual pode dialogar com a literacia midiática. Na perspectiva da cultura visual, por exemplo, evocar linhas narrativas transversais que contam a história das tecnologias da visualização a partir da cronofotografia, discutir a identificação facial para falar sobre vigilância, e até mesmo questionar certos enquadramentos e montagens que encontramos ao navegar por aplicativos de compartilhamento de vídeos (Fantin e Martins, 2023, p. 45).

Desse modo, artes, cultura visual e cinema conseguem apresentar temas variados em diferentes prismas, já que o cinema é “uma arte que, em forma plástica, dá visibilidade estética a um momento social, político, enquanto constrói e reconstrói a memória deste momento” (Almeida, 1999, p.10). Dessa forma, ao discutir elementos cinematográficos aliados a história de um filme, consegue-se discutir como os elementos, por exemplo, narrativa, roteiro, ângulos de câmeras, paleta de cores, trilha sonora, atuam na forma como o telespectador vê a obra. Assim, pode-se educar visualmente a criança para os elementos de controle presentes nas esferas digitais, o filtro do Instagram, a propaganda paga nas redes sociais, comerciais na TV aberta, mensagens alarmantes em apps, entre outros. Auxiliando, assim, até nas reflexões sobre o cenário atual e futuro de um mundo cada vez mais interconectado, estimulando no processo, o pensamento crítico do indivíduo.

1.3 O cinema e seu valor educativo

Duarte (2002) em seu livro *Cinema e Educação* cita Eric Hobsbawm (1994), o qual reafirma a centralidade do cinema nesse século e assinala que “a era da reprodutibilidade técnica não apenas transformou a maneira como se dá a criação, mas, também, a maneira como os seres humanos percebem a realidade.” Além disso, mudou como eles transformam a realidade, por exemplo, além do fato do curta ser baseado em uma história real, o diretor, Matthew A. Cherry faz parte de uma campanha a favor do *The CROWN Act* (Creating a Respectful and Open World for Natural hair [do Inglês: criando um mundo de respeitoso e aberto ao cabelo natural]), que defende leis que protejam as pessoas negras de serem discriminadas por usarem cabelos crespos e naturais. Assim, ele utilizou-se da linguagem cinematográfica para exprimir seus ideais como sujeito atuante na sociedade.

Desse modo, percebe-se como a linguagem cinematográfica é expressa de um modo mais ou menos circular, uma influência mútua que cinema e sociedade exercem entre si. Isto é, o cinema constrói-se a partir de referências do real, mas pode também como produto audiovisual impactar a sociedade. A composição das imagens possui um valor didático que corresponde a um valor estético e, portanto, político presentes na sociedade e no indivíduo, já que o público se apropria ativamente dessa obra, formulando sua própria imagem, memória e interpretação baseada em sua historicidade.

Cada filme possui um sistema de significações composto pela narrativa, filmagem (utilização de planos, sons, luz...), montagem, elenco, entre outros, que educam o olhar do espectador. Porém, como pode a imagem educar? Filmes, imagens e os audiovisuais possuem

convenções que conforme o passar do tempo se concretizaram, seja pela construção do enredo (romance, terror, suspense), nos quais já se espera o que pode acontecer, seja pela construção de personagem (a mocinha indefesa, o herói que a salvará e o vilão malvado) etc. Tudo isso são aspectos que educam o olhar da pessoa que está assistindo.

Essas convenções podem ser utilizadas também para perpetuar estereótipos, o estereótipo da mulher indefesa, da traficante negro, do terrorista árabe que repetidas à exaustão corroboram para a criação de um imaginário social preconceituoso sobre eventos, relações sociais, pessoas e lugares. Assim, como diz Nascimento (2020),

O imaginário, ao mesmo tempo em que informa sobre a realidade, é capaz de constituir um apelo para a ação, de suscitar a adesão a um sistema de valores, modelando o comportamento e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. Assim, as representações que circulam no imaginário podem ser entendidas como matrizes e efeitos de práticas sociais, que constituem processos de subjetivação em uma sociedade (Nascimento, 2020, p. 23).

Porém, eles também podem ser utilizados para transformar os estereótipos para algo positivo, mudando a forma padronizada e generalizada de personagens aos quais atribuímos certos sentidos. Sendo assim, o cinema cria sentidos que alimentam a cultura ou a modificam. É o que Fabris afirma,

Nessa perspectiva, passei a tomar o cinema como uma produção cultural que não apenas inventa histórias, mas que, na complexidade da produção de sentidos, vai criando, substituindo, limitando, incluindo e excluindo “realidades”. Portanto, passei a tomar os filmes como produções datadas e localizadas, produzidos na cultura, criando sentidos que a alimentam, ampliando, suprimindo e/ou transformando significados (Fabris, 2008, p. 120).

Reconhece-se, assim, a capacidade do cinema não apenas para reproduzir a realidade, mas, também, para reconstruí-la. Há de se compreender que como qualquer outro objeto cultural, o cinema pode ser entendido como uma manifestação de arte e a arte pode ser entendida como produto cultural, sendo assim ele pode ser utilizado como aparato sociocultural comprometido com a transformação da sociedade.

A sequência de imagens em movimento não serve apenas para a construção e compreensão da narrativa. Mas também possui um valor didático, a partir dele e do que se é mostrado, aprende-se a naturalizar seus significados no mundo real ao longo da narrativa de acordo com a disposição dos elementos cinematográficos em cena. Isto é,

Este arranjo filmico é um arranjo didático, em que o espectador, ao concentrar-se na história, aprende a olhar para o mundo, criando com as imagens uma visão de mundo, uma visão do mundo, das coisas do mundo e do que é importante para cada uma das coisas, ou seja, formas de valoração do mundo (Miranda et al, 2005, p. 3).

Dessa forma, ao assistir *Hair Love* (2019), o intuito é que o cabelo crespo seja naturalizado como algo bonito; além de mostrar uma narrativa diferente de famílias negras,

com muito afeto, em uma situação cotidiana, incentivando o amor próprio, a partir da normalização e cuidado com o cabelo afro. Em suma, a construção do filme representa também as vivências e o arcabouço cultural de quem as desenvolveu. Sendo assim, não há nenhuma produção que possa ser de fato toda imparcial, já que são histórias trabalhadas por pessoas circunscritas em um meio cultural, sendo assim a obra não consegue ser livre de influências. Assim, como o espectador não consegue ser imparcial diante às obras audiovisuais, o que pode acarretar mudanças até mesmo no imaginário social.

1.4 Filmes e educação das relações étnico-raciais

Em Nascimento (2020), Machado traz que os filmes “ao difundirem imagens acerca das mulheres, estão também fornecendo elementos para que os receptores construam formas de se auto representarem” (p. 25). No que tange, a representação de mulheres negras no cinema, o cinema também participa da construção das subjetividades raciais e de gênero experimentadas por essas mulheres em sociedade. Haja vista, o histórico escravocrata e patriarcal, por muitos anos a imagem dessas mulheres era de subalternização e inferiorização, o que perpetuava estereótipos negativos. É o que afirma Nascimento,

A constante reiteração, repetição, de representações que reforçam a inferioridade, submissão, opressão, exploração sexual e do trabalho dos negros e negras, seja na literatura, no cinema (histórico ou de ficção), ou na própria historiografia, acabou legitimando e reforçando a discriminação e o preconceito racial e sexual em nossa sociedade (Nascimento, 2020, p. 28).

Sendo assim, é notável que durante muito tempo, o cinema trabalhou em prol da manutenção de uma lógica colonial reforçando hierarquias e estereótipos de pessoas negras. Em Olhares negros, bell hooks (2019) nos mostra como historicamente as representações na mídia (literatura, música, cinema) sobre o negro agiram para apagar e silenciar suas formas de existir. Segundo hooks (2019), é fundamental que, além de se questionarem os padrões e representações de imagens, busque-se modificá-las, uma vez que, à medida que essas representações são modificadas, o corpo negro consegue modificar a forma como se vê e como é visto.

Apesar de toda opressão e representações negativas, houve um movimento contrário de resistência às imagens dominantes. Considerando a interseccionalidade de gênero e raça, já que hooks (2019) diz que inicialmente o feminismo não enxergava as peculiaridades da mulher negra, nem o movimento negro as enxergava. Foi a partir da resistência que elas lutaram por seus direitos e novas representações, até mesmo nas telas de cinema.

Nesse sentido, cabe citar o conceito de hooks (2019) sobre o olhar opositor, já que em

suas palavras, o olhar tem poder. Ela conta que historicamente aos negros lhes foi negado esse direito, pois, quando escravizados, se olhassem eram punidos. Entretanto, segundo ela, “as tentativas de reprimir o nosso direito - das pessoas negras - de olhar produziram em nós um desejo avassalador de ver, um anseio rebelde, um olhar opositor” (p. 203). Esse olhar é um olhar provocador, que contesta, questiona e quer mudanças. Dessa forma, percebe-se que não há uma assimilação passiva das imagens que lhe são ofertadas, há resistência, e devido a essa resistência, hoje pode-se dizer que se tem obras visuais muito diferentes.

Nos últimos anos, por exemplo, houve um aumento de representações visuais do negro de forma positiva, obras como *Pantera Negra (2018 e 2022)*, *A Pequena Sereia (2023)*, *Marte Um (2022)*, entre outras. Para bell hooks (2019, p. 225) “Ao olharmos e nos vermos, nós, mulheres negras, nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contra memória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro.”

Nesse sentido, ao olhar as imagens há um encantamento e identificação que anteriormente era impossível de acontecer. Aprende-se com as imagens a ter um olhar afetuoso, reconhecer-se e até sonhar com um futuro diferente. Em seu texto sobre a autodefinição, Collins (2019) discorre sobre a importância do poder da autodefinição da mulher negra ser fundamental para que todas as imagens que a controlam, sejam substituídas por conhecimentos de si autodefinidos. Isto é, por muito tempo o padrão de beleza foi um padrão etnocêntrico, então “tornar-se negro” (Souza, 2021) é entender e construir a definição que se faz sobre si mesmo, a partir de um processo de definição de si como pessoa negra que pode ser construído de forma subjetiva e política.

Ainda sobre formas de resistência às representações dominantes, bell hooks discute o olhar opositor, mas também fala sobre como amar a negritude é potente. Em seu texto, hooks (2019) fala sobre o fato de que pessoas negras continuam a ser socializadas via mídia de massa e sistemas educacionais para internalizar pensamentos e valores da supremacia branca, o que sem uma luta de resistência contínua pela autodefinição, fazem com que pessoas negras não tenham uma visão de mundo alternativa que afirme e celebre a negritude, impactando na não criação de um autoconceito positivo sobre si.

O amor pela negritude é um processo importante que visa trabalhar a descolonização do olhar e um processo pela definição dos negros, construção de sua identidade a partir de um referencial negro, não a partir dos ideais brancos. Já que ainda que se ascenda socialmente "O racismo internalizado continuará a erodir a luta coletiva por autodefinição. Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima" (hooks, 2019, p. 53).

Para combater esse sofrimento de crianças negras, é importante que se trabalhe referências positivas do ser negro, pois em uma sociedade dominada por ideais de beleza, inteligências, entre outros, que remetem aos ideais da branquitude. Buscar outras referências pode ser a forma de se conseguir valorizar e se reconhecer na identidade negra. Isso pode ser fruto do olhar opositor (hooks, 2019), pois é esse olhar que ao não se reconhecer no que lhe é oferecido, impulsiona esses seres a terem mudanças e serem resistência, saindo em busca de algo que faça sentido para eles.

[...] essa mesma condição de coisificação social também pode ser vista como propulsora dos movimentos efetivos de resistência e rebeldia. Mais ainda, o desejo de reversão desse quadro é considerado como propulsor da luta pela liberdade e pela afirmação dos valores culturais negros (Gomes, 2019, p. 150).

Assim, vê-se a representatividade em *Hair Love* (2019) que diz respeito a uma família estruturada e amorosa lidando com uma situação cotidiana. É uma representação simples, mas muito significativa, que educa o olhar sob uma nova perspectiva. Como nos afirma Almeida,

O conhecimento visual cotidiano de inúmeras representações em imagens participa da educação cultural, estética e política e da educação da memória. (...) Estamos dentro de um processo de educação cultural da inteligência. Uma arte que, em forma plástica, dá visibilidade estética a um momento social, político, enquanto constrói e reconstrói a memória deste momento (Almeida, 1999, p.10).

É importante trabalhar em sala percepções positivas da negritude, já que isso ajuda crianças não brancas e brancas a construir imagens sobre o que é o ser negro. Esse trabalho visa trabalhar essa questão com crianças do 5º ano com base na BNCC. Assim, percebe-se que como ato de resistência, deve-se celebrar a negritude, aprender a amar e a se amar, difundindo e consumindo representações positivas, reconstituindo a autoestima que há muito nos foi tirada. Já que muitas vezes, a forma de ingressar em espaços em que historicamente se foi excluído, é rejeitar a mentalidade colonizadora, e para isso necessita-se que se “resista à aceitação passiva da pressão dos valores e perspectivas do dominador sobre nossa identidade” (hooks, 2020, p. 56).

CAPÍTULO 2 - A LEI 10.639/2003

A Lei nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Ela estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica (posteriormente modificada com a Lei nº 11.645/08, incluindo história e cultura indígena).

No ano em que a Lei nº 10.639/2003 completa 20 anos de implementação, tendo como pano de fundo a sanção do atual presidente da Lei que equipara o crime de injúria racial ao de racismo. Se torna perceptível a importância de se discutir a implementação da Lei como um ato antirracista nas escolas. Já que ao se reconhecer a contribuição do povo negro na formação da sociedade nacional, como versa a Lei, muda-se a narrativa anterior do escravizado subjulgado e passa a incluir no currículo os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no âmbito escolar, contextualizando os negros como seres de ação.

Reconhecer a contribuição do povo negro, é reconhecer a existência de um povo, que na época da escravidão, teve sua identidade negada, eram tratados como coisas, mercadorias. Tal fato era devido a necessidade de se ter um sistema que exigia subordinação absoluta, o que era obtido anulando a individualidade do escravizado. Sabe-se que ainda existem sequelas desse passado, que impacta ainda hoje na autoimagem do negro, e

É nesse espelho social que o negro brasileiro tem se olhado. Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma autoimagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua autoimagem é um desafio. Construir uma autoimagem, um “novo negro”, que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é. Esta última tem sido uma das estratégias de identidade construídas por uma parcela da população negra (Gomes, 2020, p. 158).

É nessa sociedade que pensamos a escola. Segundo bell hooks (2013) é importante que a sala de aula seja um espaço “multicultural e multiétnico” que mobiliza tanto o docente quanto os estudantes, pois “qualquer pedagogia radical tem que reconhecer a presença de todos”. Isto é, a forma como o currículo era dado até então, privilegiava um segmento da sociedade, contando a história a partir do ponto de vista etnocêntrico, a inclusão dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana e, posteriormente, da história e cultura indígena, foi importante para reconhecer as diferenças em território nacional em termos de equidade de populações historicamente excluídas.

Essa Lei é resultado da luta histórica dos movimentos negros que tem contribuído substancialmente para o combate ao racismo na sociedade brasileira, abrindo espaço para

discussões pautadas na questão racial. O movimento negro brasileiro lutou pelo reconhecimento da contribuição do povo negro na construção da sociedade brasileira, principalmente nos currículos escolares, adotando várias estratégias para a inclusão da questão racial na agenda das políticas educacionais.

Além disso, é preciso destacar o motivo de se trabalhar dentro de sala de aula com a valorização e reconhecimento da história e cultura afro-brasileira no país. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana “É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (Brasil, 2004, p. 17).

Os debates de cunho racial dentro de sala de aula são fundamentais para a formação de uma consciência crítica e antirracista nos estudantes brancos e negros, permitindo que eles entendam a importância da luta contra a discriminação racial e se tornem agentes de mudança em suas comunidades, bem como construam uma percepção positiva do povo negro por meio do ensino de sua ancestralidade. Nesse sentido, Gomes discute sobre a importância da Lei no âmbito educacional,

Nesse sentido, a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências (Gomes, 2012, p. 105)

A Lei nº 10.639/2003 e a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo evidenciam uma ressignificação do ambiente escolar, uma vez que impulsionam e pressionam o Estado no que diz respeito a ações de fortalecimento da população negra no Brasil, e à medida que reconhecem esse grupo como sujeito histórico pleno. Assim, desconstruindo uma postura educacional ancorada no racismo institucional.

Porém, é necessário chamar atenção para como está a implementação da Lei atualmente dentro das escolas e como ela ainda é insuficiente, como aponta a pesquisa intitulada: “Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira” de 2023 realizada em uma parceria entre o Instituto Alana e o Geledés – Instituto da Mulher Negra, com apoio institucional da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e da União Nacional dos Conselhos Municipais

de Educação (Uncme) e apoio estratégico da organização internacional *Imaginable Futures*.

Trata-se de uma pesquisa abrangente realizada no país sobre a Lei 10.639/03 e segundo ela, 21% das redes municipais, de todos os estados, responderam ao chamado das organizações. Alguns dos resultados sobre a inserção da temática nas diferentes modalidades foram: a porcentagem de inserção da temática na creche é de 58%, consideravelmente menor em comparação com as demais. Na pré-escola chega a 68% e no ensino fundamental a 86%. A pesquisa também atenta para o fato de não existirem dados suficientes para uma análise do ensino médio, pois apenas 2% das redes responderam à pesquisa com relação a essa etapa de ensino, o que evidencia a escassa política de formação dos professores. Dessa forma, verifica-se o quanto ainda há que se avançar na discussão da temática depois de 20 anos da lei. É necessário que se trabalhe com formação continuada dos professores e a construção de uma avaliação mais precisa com metas pré-estabelecidas.

2.1 A Lei e o cinema

Pode-se dizer que a existência da Lei nº 10.639/2003 e o seu reconhecimento, fizeram com que a questão começasse a ser discutida dentro dos sistemas de ensino. A implantação dela tem sido realizada através da luta contínua do movimento negro, os quais têm por objetivo:

afirmar o direito à diversidade étnico-racial na educação escolar, romper com o silenciamento sobre a realidade africana e afro-brasileira nos currículos e práticas escolares e afirmar a história, a memória e a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros na educação básica e de seus familiares (Gomes, 2011).

Trabalhar a partir dessa perspectiva já consta em parte na Lei, já que em sua redação ela garante que “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística...”. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (p. 196) pode-se inferir também que é possível se trabalhar com o cinema como uma linguagem, nesse caso sobre as questões étnico-raciais, já que ele é uma manifestação artística, logo podendo ser trabalhado no componente curricular Arte.

Observando a redação da Lei nº 10.639/2003, artigo 1º, parágrafos 1º e 2º:

Art. 1º. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

‘Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (Brasil, 2003).

Percebe-se que somente as áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras são especificadas, o que torna essas áreas aos olhos da Lei principais promotoras da discussão em torno da temática. O cinema é uma forma de arte que usa a tecnologia para criar e compartilhar histórias que podem educar, entreter e inspirar as pessoas, por isso sua importância como uma das múltiplas formas de se trabalhar essa discussão dentro de sala.

As imagens e os audiovisuais educam o olhar dos espectadores, basta que sejam trabalhados como uma linguagem que possui uma dimensão histórica, estética e política. Quando trabalhados como educação cultural, eles se tornam uma linguagem, com conhecimentos e saberes contidos nos filmes, assim transcendendo o uso do cinema e do audiovisual como ilustração.

Após a promulgação da Lei 10.639/2003, outros documentos posteriores buscaram ratificar e/ou retificar seu conteúdo. No ano seguinte à aprovação dessa Lei, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução CNE/CP nº 01/2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, documento constituído:

Art. 2º [...] de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas (Brasil, 2004, p. 31).

Nesse caso, discutir o cabelo crespo dentro de sala de aula é também garantir a valorização da identidade como disposto no primeiro parágrafo da resolução. Já que segundo Nilma Lino (2019) o corpo e o cabelo crespo são considerados fortes ícones identitários da negritude. Além disso, é necessário trabalhar a identidade com recorte para o cabelo dentro de sala de aula, tal como nos mostra a mesma autora:

A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético (Gomes, 2002, p. 41).

Tais Diretrizes fomentaram o processo de implementação da Lei por aprofundar elementos teóricos e práticos. Dentre suas propostas, destaca-se a importância da educação das relações étnico/raciais positivas para negros/as e brancos/as:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (Brasil, 2004, p. 16).

A partir do que foi trabalhado, é preciso pensar em como pode-se trabalhar a partir de uma ressignificação do que é ser negro. Trabalhar a história e cultura do povo negro por meio de uma lente positiva dentro das escolas fortalecerá a identidade negra, até que haja uma ruptura daquela imagem negativa presente no dia a dia do professor e aluno. Para isso, algumas ações são necessárias, por exemplo,

Enfatizar essa metodologia combativa é trazer filmes, livros, músicas/ canções e atividades artísticas culturais que realcem figuras e imagens da diversidade étnica, bem como da realidade local, marcada por experiências e saberes capazes de reafirmar o caráter multiétnico da nação brasileira (Oliveira, 2022, p. 144)

Nesse sentido, destacam-se as potências e as possibilidades que o cinema e a educação possuem quando estão em conjunto. *Hair Love (2019)* é um curta que nos dá uma imagem positiva sobre o viver e o ser de pessoas negras, a ideia de *Hair Love (2019)* não é apagar séculos de racismo e de violência, mas sim de reinventar um olhar sobre a perspectiva de uma família negra que usa seu cabelo afro ou *dreadlocks* como o pai, convocando o espectador a se reconhecer naquela imagem, valorizando a identidade.

Considerando o exposto anteriormente e o que está disposto na Lei nº 10.639/2003 sobre a importância de se trabalhar a temática em todo currículo, dentre esses, principalmente História e a Educação Artística, optou-se por trabalhar com o curta *Hair Love (2019)* em uma turma de 5º ano, considerando objetivos pré-selecionados na BNCC. No quarto capítulo discutiremos os objetivos e conteúdos que podem ser trabalhados em consonância com o filme.

2.2 Amar a negritude e a Lei 10.639/2003

A Lei nº 10.639/2003 visa trabalhar “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Brasil, 2003). Ao trabalhar essa temática a partir dessa

perspectiva dentro de sala de aula, torna-se possível para os negros construir outra narrativa sobre si mesmos baseado em aspectos positivos da história e cultura afro-brasileira e africana, diversificando suas referências da cultura negra, não tendo apenas a escravidão como referência.

Apesar disso, é importante reconhecer as consequências da época da escravatura, já que a forma com a qual eles conseguiam controlar as pessoas negras era através da negação do ser, aquelas pessoas na verdade eram apenas mercadorias e deveriam ser tratadas como tal. Como nos afirma, Gomes:

O sentimento de negação é um componente do processo identitário do negro brasileiro ao longo da história. Podemos vê-la quando analisamos na relação estabelecida entre escravos e senhores durante o regime escravista, ou seja, o negro era visto como coisa e mercadoria e, também, nos dias atuais, quando encontramos negros e mestiços que recusam o seu pertencimento étnico-racial, o seu corpo, o seu padrão estético e o seu cabelo, demonstrando a incorporação do ideal do branqueamento (Gomes, 2020, p. 144).

Assim, durante muito tempo, os negros foram alvejados com ideais da branquitude. Ideais que desde o período da escravatura eram de dominação. Então, mesmo depois do período da escravidão, apesar do negro ser reconhecido como sujeito, ele era tido como um sujeito inferior, o que perdura ainda hoje. Isto é,

A luta do escravo pela afirmação da sua humanidade em uma sociedade que o via como coisa e mercadoria é compreensível quando analisamos a sociedade escravista. Incompreensível é pensar que, em outros moldes, o negro brasileiro ainda continua vivendo essa tensão, porém, com matizes diferentes, numa sociedade que se diz uma democracia racial (Gomes, 2019, p. 151).

Assim, essa tensão tem justificado ao longo do tempo o tratamento oferecido a pessoas negras. Porque até mesmo as crianças negras eram consideradas inferiores tanto fisicamente como intelectualmente. Mas, se essa era a visão da branquitude sobre os negros, qual era a visão dos negros sobre si próprios? De certa forma os negros acabaram incorporando esse pensamento de forma inconsciente.

Nesta linha de raciocínio, Souza (2021) fala sobre a potência da violência racista nos negros, o que viabilizou a interiorização das exigências e dos ideais da branquitude reproduzidos na sociedade pelo sujeito negro. Assim, o negro não precisa mais da voz racista do outro para experienciar o racismo, pois esta voz é internalizada a tal ponto que o racismo se torna presente mesmo na ausência do sujeito racista.

Então, por que amar à Negritude é importante? E descolonizar a mente? E se autodefinir com base em referenciais negros, não nos ideais de branquitude? Segundo Souza (2021), não havendo uma concepção positiva da negritude para se construírem laços de identificação, o sujeito negro tende a associar-se a um modelo de identidade que reflete o

ideal branco “como a única possibilidade de tornar-se gente” (p. 46). Como consequência desse fracasso em atingir o ideal desejado, vislumbra-se duas alternativas para o negro: sucumbir à melancolia, com sentimento de perda de autoestima, o que acarreta em desvalorização do “eu”, ou a tentativa de alcançá-lo, lutando em busca de novas formas de se afirmar e “compensar o ‘defeito’, para ser aceito” (Souza, 2021, p.73). Ao internalizar o sentimento de melancolia e de serem inferiores, essas pessoas podem, por exemplo, deixar de concorrer a uma vaga em uma universidade pública, ou de tentar uma oportunidade de emprego por crer serem incapazes. Ou se esforçar tanto por algo que é impossível, que é atingir o ideal de branquitude, assim voltando para uma melancolia por não ser aquilo que crê ser ideal.

No entanto, é na ausência desta concepção positiva de negritude, que o sujeito negro deve “construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da história - individual e coletiva, social e psicológica” (Souza, 2021, p.116). Construir-se caracteriza-se como uma tarefa eminentemente política, subjetiva e bastante difícil que deve ser pautada no amor a si e à negritude, e na desvinculação dos ideais brancos impostos. Isto é, “ser negro não é uma condição dada, *a priori*. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (Souza, 2021, p. 115). Tornar-se negro é, portanto, uma saída possível ao sofrimento efeito do racismo.

Racismo este que, há séculos, aflige os negros. Um conceito que se estende a vários âmbitos, sobretudo na estética, sendo o cabelo crespo um dos principais alvos de práticas racistas, o que influencia sobretudo na noção de pertencimento e de identidade dessas pessoas, já que o cabelo é um dos principais símbolos da identidade negra.

O destaque dado à beleza negra para pensar a construção da identidade é um tema um tanto quanto complexo. [...] A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. Ela coloca o negro e a negra no mesmo território do branco e da branca, a saber, o da existência humana. Assim, o movimento de rejeição/aceitação do cabelo crespo e do corpo negro diz alguma coisa sobre a existência desse sujeito (Gomes, 2019, p. 145).

Sendo assim, ao trabalhar o curta *Hair Love* (2019), apesar de ser uma produção estadunidense, alinha-se a elementos da história do Brasil, levando em conta a importância da manipulação do cabelo para o negro desde a África pré-colonial. Isto é, o curta pode ser utilizado para reflexões em sala de aula sobre a valorização da identidade, pois o cabelo continua a ter importância na construção da identidade negra nas sociedades marcadas pela diáspora africana. Segundo Gomes,

Podemos entender a manipulação do cabelo do negro como técnica corporal e como lógica cultural que acompanha o modo de ser do negro e da negra desde a África pré-colonial. Essa lógica se constrói em um sistema cultural aberto e por isso mesmo não

está isenta às transformações oriundas dos diferentes encontros culturais dos quais os negros historicamente têm participado, mesmo aqueles que aconteceram durante os processos de colonização e escravidão (Gomes, 2019, p. 147).

Esse curta-metragem acompanha a história de um pai negro que vê a filha Zuri, de sete anos, tentando pentear o cabelo, provavelmente 4B ou 4C — escala que representa a curvatura dos fios — mas não conseguindo. Assim, após um confronto com o cabelo e sua quase desistência, ele percebe que deve ajudar sua filha, então ele a ajuda com o cabelo, enquanto assiste a um vídeo de instruções com uma mulher que mais tarde descobrimos ser a mãe dela e que hoje se encontra ao que parece em um hospital, sem cabelo. Isto é, no curta e na atualidade, o cabelo é de suma importância para o sujeito negro e é interessante pensar em como o sujeito se relaciona com ou sem ele,

O cabelo do afrodescendente certamente é parte intrincada do perfil estético que compreende a identidade negra. A relação que cada um tem com seu cabelo é muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes conceitos sobre a forma como encaram seu cabelo e traços (Fagundes, 2007, p.1).

Considerando essa citação, percebe-se a importância de trabalhar o cabelo a partir de um curta como *Hair Love (2019)* dentro de sala de aula, já que sua narrativa explora noções de afeto tanto em família quanto consigo mesmo por meio da tentativa de Zuri de arrumar seu cabelo. Segundo Matthew A. Cherry, roteirista, quando lançou o curta “Através desse projeto, é minha esperança que possamos mostrar uma imagem positiva de pais negros e suas filhas, enquanto encorajamos cabelos naturais e amor próprio em todo o mundo através do espaço animado⁵”.

Além disso, Gomes (2020) identifica a importância do corpo e do cabelo crespo como um forte ícone identitário negro, sendo o cabelo um símbolo de resistência. Ela destaca ainda que a construção da autoestima se dá em um processo que inclui tanto um olhar para si, bem como a relação com o olhar do outro, visto que as experiências vividas por uma pessoa envolvendo o seu cabelo ao longo da vida afetam diretamente o seu autoconceito. Assim,

Esse processo conflitivo é construído socialmente, vivido e aprendido no grupo, na família. Por isso, mesmo quando se nasce em uma família que afirmar valoriza a cultura negra, esse aprendizado pode ser confrontado socialmente pela imagem do negro, quando em evidência, comportam-se diante da questão racial ou expressam a negritude através de seu corpo (Gomes, 2020, p. 138).

⁵ Tradução da autora para “Through this project, it is my hope that we can show a positive image of black fathers and their daughters, while encouraging natural hair and self-love throughout the world through the animated space,” disse o produtor e co-diretor Cherry.

Em suma, ainda que se tenha uma família amorosa que valorize a negritude, o sujeito ainda pode sofrer efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo. Assim, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), a educação constitui-se como um dos mecanismos fundamentais de transformação da consciência de um povo e é papel da escola, “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988). Dessa forma, torna-se importante a educação com vistas a promoção de hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças que compõem todo território nacional.

Isto é, somente ao reconhecer e aceitar de forma positiva as disparidades entre brancos e negros em nossa sociedade, assim como a necessidade de intervir de forma positiva, ensinando a valorizar, até mesmo amar a negritude a pessoas brancas e negras, é que a escola terá condições de atingir o seu foco, formar cidadãos que prezem pelo respeito mútuo e valorizem o ser humano independente de suas diferenças.

CAPÍTULO 3 - CABELO À LUZ DA COR E DO SOM

Com duração de 6 minutos e 47 segundos, roteiro de Matthew A. Cherry e direção de Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith e Everett Downing Jr, esse curta venceu na categoria de melhor curta-metragem de animação durante o Oscar 2020. Além do Oscar, o curta venceu CinEuphoria Awards em 2021 como melhor filme de animação internacional e o Black Reel Awards em 2020 como melhor curta-metragem independente. Trabalhar com esse curta é sobre trabalhar a educação com crianças negras sobre novas formas de enxergar o mundo e se enxergar.

Além do curta, também teve a publicação do livro ilustrado de *Hair Love*, ele foi lançado pela Kokila Books/Penguin Random House em 14 de maio de 2019 e se tornou um best-seller do New York Times. *Hair Love* (2019), assim como a história real que a originou, traz um tom cômico, delicado e empático em sua história, enquanto falam de aceitação dos cabelos crespos de forma simples e objetiva.

Para a análise do curta, utiliza-se o método de decupagem de Ismael Xavier (2021), a decupagem é um termo usado no cinema para se referir ao processo de decomposição do filme (e, portanto, das sequências e cenas) em planos. Isso envolve a análise do filme a partir dos aspectos visuais e técnicos de cada tomada. Inicialmente, analisar-se-á o curta de forma geral, seu desenho, sua trilha sonora, a paleta de cores, os planos e sua relação com a história do curta. Depois serão analisadas algumas paletas selecionadas do filme, planos e interpretações a respeito de sua simbologia na história e o que como tentaram transmitir sentimentos e sensações para os espectadores. Já que, uma animação é

Composta por todos os elementos que formam um filme, como enquadramentos, figurino, iluminação, cores e som, a linguagem concretiza e dá rumo à narrativa. Assim, designa diversas possibilidades para os criadores e para aqueles que o produzem. Levando em conta que cada elemento é dotado de um significado, quando este é combinado com outros, gera significados ampliados e que podem ser explorados (Deda *et al*, 2017, p.4).

Para contextualizar, percebe-se que a simplicidade do cenário desenhado mostra uma estética minimalista, diferente do cabelo dela que é bem mais detalhado, mais bonito, mais bem desenhado e o mais próximo da realidade em todo o curta, percebe-se até as linhas encaracoladas. Dessa forma, isso denota uma intencionalidade de demonstrar a importância do cabelo como elemento central do curta. É interessante perceber que a animação possui influências externas, já que é uma produção da Sony Pictures Animation, *Hair Love* (2019) possui semelhanças com o filme *Homem Aranha no AranhaVerso* (2019), também da Sony, ambos foram lançados no mesmo ano, além de ter, Peter Ramsey, diretor do “Homem-Aranha: No Aranhaverso” como Produtor Executivo do curta. Assim, percebe-se

que a animação de *Hair Love* (2019) possui semelhanças no traço do desenho, na forma como foi animado. Desfocando o fundo e os objetos que não estão interagindo com a história principal, mas detalhando os personagens principais. Isso pode explicar a ligação, inspiração de um para outro, principalmente por causa da forma como o cabelo foi desenhado em ambos os protagonistas que são negros.

A forma com que a animação é apresentada faz com que ela pareça bastante simples, com poucos quadros, o que faz parecer que ela foi desenhada e colorida à mão. A animação utiliza-se de técnicas de desenho que enfocam os objetos relevantes para a narrativa. Assim, o desenho muda conforme há uma interação dos personagens com as coisas, há a definição dos objetos que possuem interação com a protagonista, por exemplo, quando a criança interage com a touca na cabeça dela, com o cobertor, ou com o tablet.

Dessa forma, quando ela puxa a gaveta e tem três tênis, percebe-se que os três tênis estão desenhados de forma diferente da gaveta, justamente porque ela vai interagir com isso. No caso do calendário, ela não interage diretamente. Ela só o olha, então o calendário é desenhado sem tanta definição. Já os personagens são animados de outra forma, um tipo de desenho mais detalhado, animado digitalmente, tanto o pai como a filha e o gato, dando destaque principalmente a animação do cabelo, na qual pode-se ver até mesmo os traços do encaracolado.

Percebe-se que o cenário foi desenhado, pois ele possui um traço mais grosso, mais riscado, sem preocupação em esconder as linhas do desenho. Algumas cores até fogem do contorno do desenho, por exemplo, o abajur, as cores do abajur saem um pouco da linha. Ainda sobre o abajur, percebe-se que a luz no cenário está desenhada, enquanto nos personagens a luz bate de forma digital.

Figura 1 - Zuri acordando



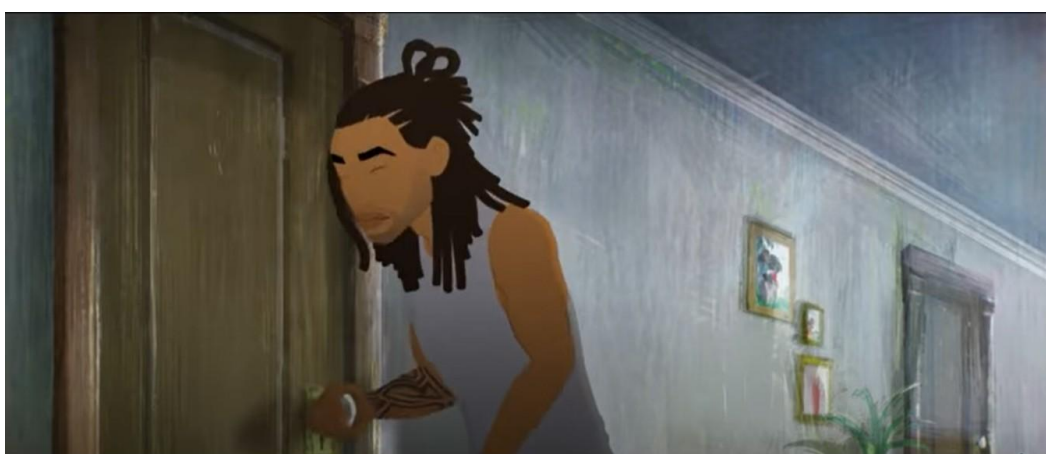
Fonte: "*Hair Love*" (2019)

Figura 2 - Zuri abrindo a gaveta



Fonte: “*Hair Love*” (2019)

Figura 3 - Pai triste depois do fracasso de tentar arrumar o cabelo



Fonte: “*Hair Love*” (2019)

3.1 Cabelo e som

Segundo Alves (2012), o termo “trilha-sonora” não é sinônimo apenas da música do filme. São vários os componentes sônicos que podem fazer parte do universo cinematográfico, como narrativa da voz, música, ruídos e o silêncio. No caso da trilha sonora, ela é bastante simples, não é uma trilha sonora muito complicada, são utilizados sons instrumentais ao longo de todo o curta, com o intuito de transmitir as emoções que o diretor quer passar na hora e no final sendo eficaz.

A animação trabalha tanto com sons diegéticos, ou seja, “sons cuja fonte está no espaço contextual do filme, como por exemplo, os diálogos, o som da chuva, o som dos objetos que estão no plano ou o som de uma banda a tocar no próprio local” (Jorge, 2002, p.62). Mas também trabalha com os sons não-diegéticos “todos aqueles cuja fonte não faça parte da

dimensão espacial da narração. Os exemplos são vastos: música que se adiciona na pós-produção, a voz (em off) do narrador, efeitos posteriormente inseridos, etc” (Jorge, 2002, p.62), ao optar pelos dois tipos de sons o diretor buscou tanto evidenciar o cotidiano da personagem com os sons diegéticos, dando especial atenção a única voz que é utilizada no curta, quanto retratar suas emoções através dos sons não-diegéticos.

Michel Chion (*apud* FERREIRA, 2013 *apud* DEDA, 2017, p. 6) destaca três elementos para classificar o som presentes na construção do filme:

1) In: são os sons perceptíveis pelos personagens, como o diálogo entre eles, por exemplo; podem ocorrer dentro da cena, ou não; 2) Out: sons subjetivos que não são perceptíveis aos personagens, mas que possuem grande importância para a interpretação, como efeitos sonoros de palmas, por exemplo; 3) Off: sons subjetivos que transmitem a imaginação de um personagem e que depois, retomam a realidade; acontecem fora do quadro, no espaço extradiegético.

Para compor a narrativa, o diretor optou por uma trilha instrumental ao fundo que acompanha Zuri mostrando as variações de sentimentos que ela tem durante aquele dia, somente diminuindo para acompanhar a voz da mãe demonstrando sua importância, dessa forma o som evidencia as emoções do personagem de animação, ternura entre mãe e filha, frustração, animação novamente.

Não há muitos diálogos, na verdade, durante o filme escutamos apenas a voz da mulher do *tablet* que mais tarde descobrimos ser a mãe. É um monólogo que se repete durante o curta demonstrando também dois momentos de maturidade que envolvem o cabelo, o primeiro é quando Zuri tenta arrumar o cabelo sozinha, o segundo se desenrola com o pai após sua “luta” com o cabelo.

No primeiro momento, há um contraste entre o que está sendo dito e o que de fato aconteceu. Ela diz: Viu? Não foi fácil? Enquanto a Zuri tá com cabelo todo bagunçado com cara de frustrada. Um pouco antes disso, em uma lembrança de Zuri, ela diz: Só precisou de um pouco de trabalho e bastante amor, é essa lembrança que a motiva a tentar fazer aquele penteado específico. No segundo momento, o diálogo continua após a frase dita acima, indicando que há uma continuidade e que aquele desafio ainda poderia ser resolvido. Não é o fim, mas apenas o começo.

3.2 Cabelo e cor

No que tange a paleta de cores, sabe-se que a psicologia das cores é um campo de estudo que busca entender as diversas simbologias que as cores assumem em determinado contexto, busca-se compreender como as cores afetam as pessoas no comportamento e/ou nas emoções.

Embora as reações às cores possam variar de pessoa para pessoa, existem algumas associações culturais e psicológicas comuns que foram observadas ao longo do tempo.

Os resultados dos estudos de Heller (2022, p. 17) corroboram com essa afirmação, já que demonstram que cores e sentimentos são frutos de vivências comuns na cultura e que foram enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento ao longo do tempo. Assim, a cor assume diferentes simbologias, podendo a mesma cor causar distintas impressões a depender do contexto, por exemplo, se está em um ambiente ou um alimento.

A combinação de cores também é um fator a ser considerado no estudo, sendo ela definida como acorde cromático, que se caracteriza por um agrupamento de cores associadas a um determinado efeito, desta maneira, “as mesmas cores estão sempre associadas a sentimentos e efeitos similares” (Heller, 2022, p.18).

No audiovisual, a paleta de cores em um filme refere-se às cores específicas e aos esquemas de cores usados na construção da estética visual, na comunicação e evocação de emoções e significados simbólicos, e na criação de uma experiência sensorial e narrativa para o público dentro do conjunto de elementos de direção de arte.

De forma geral, segundo o livro *Paleta das Cores* de Heller (2022) a paleta utilizada é bem próxima da paleta de amabilidade, o que traduz muito o que o curta é, já que é a história da relação de amor com o cabelo. Essa paleta é composta principalmente das seguintes cores: amarelo, azul e rosa. Cabe destacar que nem sempre essas cores estarão todas juntas em cada cena.

Figura 4 - Calendário



Fonte: “*Hair Love*” (2019)

Figura 5 - Zuri abraçando o gato



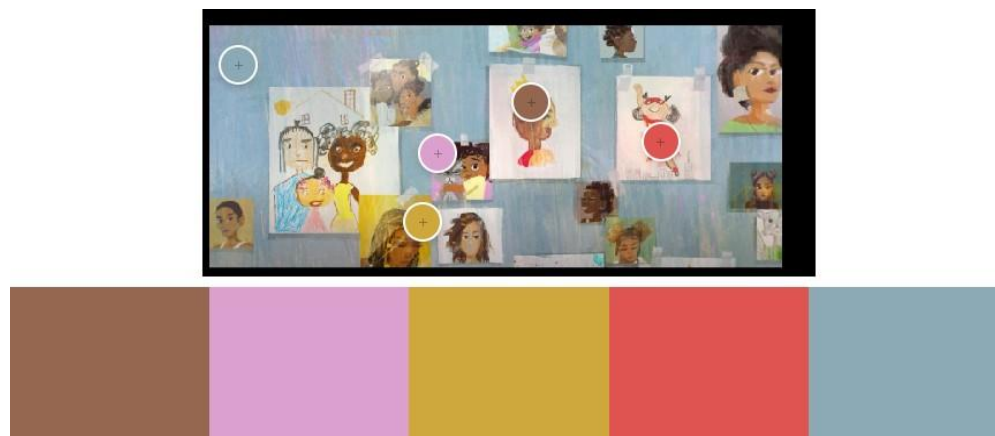
Fonte: “*Hair Love*” (2019)

Além disso, ao longo do curta, percebe-se a utilização do vermelho como ponto de destaque para algumas cenas, é interessante pensar que o vermelho do amor unido ao rosa transmite inocência. Essa escolha pode ter sido feita pelo diretor, já que a protagonista é uma criança, assim ele busca passar inocência e ternura com a escolha das cores.

Durante toda a produção do curta-metragem a paleta permanece bastante parecida. É comum a utilização de tons de marrom na coloração dos personagens, assim como do rosa na roupa da Zuri. Predominam durante o curta o uso de tons suaves e menos saturados, principalmente na cor azul. Segundo Heller (2022), o rosa é para mostrar delicadeza, ternura e inocência. Já o azul é a cor que demonstra simpatia, harmonia e confiança. Sentimentos esses que florescem com o passar do tempo e possuem sempre como base a reciprocidade.

No início da história percebemos que é um dia especial quando ela olha no calendário e fica bastante alegre, só ao final que percebemos o motivo de ser um dia especial. Antes dessa cena, o curta abre com uma imagem de um quadro disposto na parede do quarto da Zuri. Nessa cena, percebe-se a diversidade de desenhos e tipos de cabelo, o que dá destaque às experiências de Zuri, sendo assim os desenhos não são apenas ilustrativos, trazem a experiência de Zuri como modelo de penteados que ela teve no dia a dia com sua mãe e que é mostrado por meio dos vídeos no tablet. Além disso, nota-se um desenho ao centro do enquadramento, um desenho diferente, pois em meio a todos os outros desenhos da mãe com penteados diferentes, este é o único que a mãe aparece sem cabelo, mas com uma coroa, fazendo alusão que o cabelo para a mulher negra é sua coroa e que para a filha independente do penteado da mãe ou falta dele, a mãe sempre será uma rainha para ela, sendo até mesmo um spoiler que é mostrado em segundos de como será o final da história.

Figura 6 - Mural do quarto da Zuri



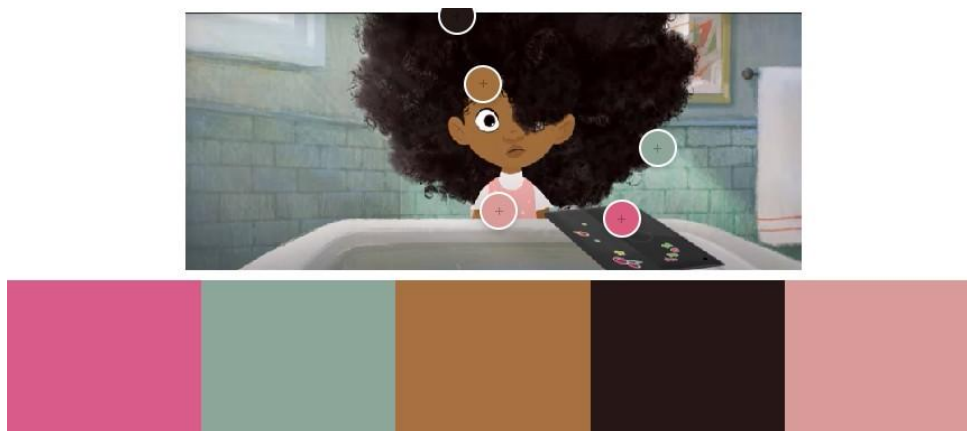
Fonte: “Hair Love” (2019)

Para o destaque utilizou-se cores quentes tanto nos desenhos da mãe e da filha, realçando imagens empoderadas da mãe como rainha e da filha como super-heroína, a super-heroína de sua própria história. Então, no final, ainda que o cabelo seja importante, não é apenas isso que define a mulher negra como uma rainha.

Assim, o curta busca transmitir uma mensagem que abrange todas as pessoas, apesar dos protagonistas serem negros, o curta discorre sobre autoestima e a influência do cabelo no processo de autoaceitação e autoestima. Então, cuidar dele é um gesto de carinho muito importante e especial para cada pessoa. Não apenas para mulheres, mas no curta a perspectiva é mais feminina. Assim, no fim, a mensagem do desenho que Zuri entrega para a mãe é que toda mulher, já é uma rainha, já é uma princesa, independente do cabelo que se tenha.

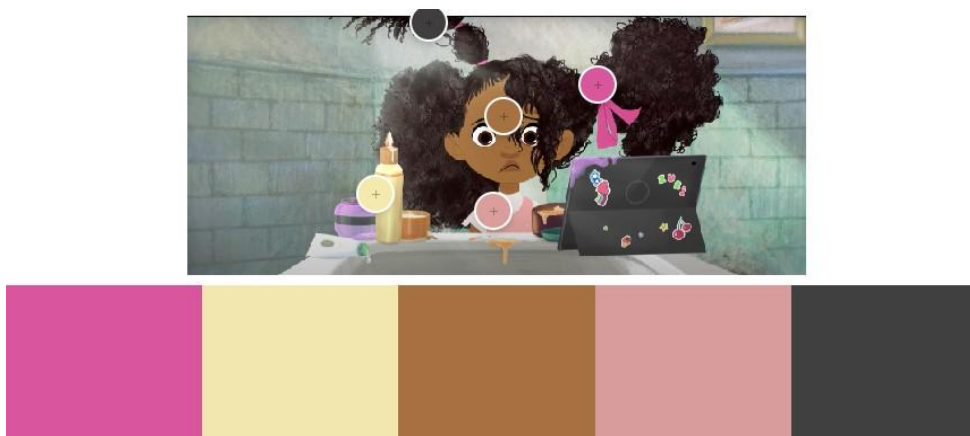
Depois de acordar, olhar o calendário e verificar que era um dia importante, Zuri logo começa a se arrumar, coloca um vestido, calça o tênis e já pega o pente para arrumar o cabelo. Quando ela tira a touca, logo vem a surpresa e até um desânimo, o cabelo todo bagunçado e sem forma. Assim, tem-se um momento de *flashback* da mãe dela penteando seu cabelo, o que a emociona e a motiva.

Figura 7 - Cabelo ao acordar



Fonte: “Hair Love” (2019)

Figura 8 - Cabelo após a tentativa de arrumá-lo

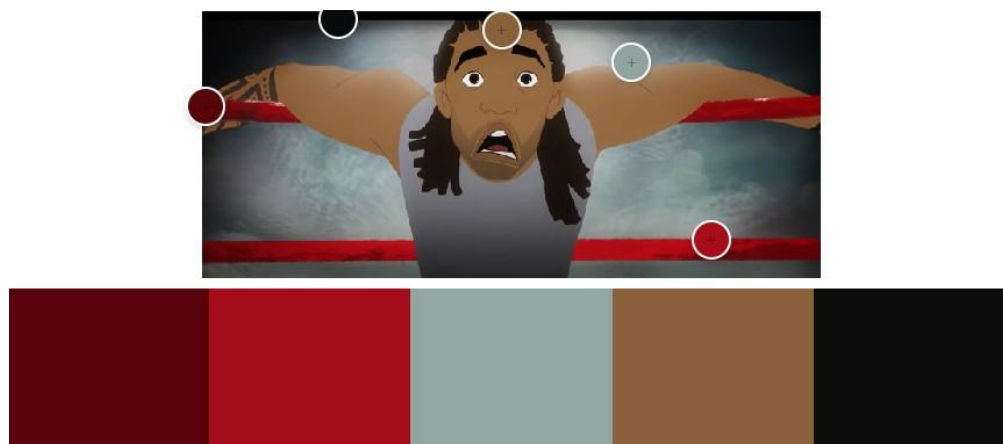


Fonte: “Hair Love” (2019)

Ao terminar o tutorial do vídeo, Zuri se frustra ao não conseguir arrumar seu cabelo da forma como gostaria. Nessa cena a paleta de cores apresenta cores que transmitem um ar de doçura, fofura e até um pouco de inocência em relação a atitude da menina de arrumar o próprio cabelo sozinha e não conseguir.

Nesse primeiro momento, percebemos o vínculo da mãe e da filha por meio de sua relação com o cabelo, o *flashback* evidencia essa relação de ternura tendo o cabelo como um ponto em comum. A relação com o cabelo para o negro é importante, já que durante muito tempo, o cabelo foi visto como algo ruim. Assim, demonstrando que “o cuidado com a estética corporal para o negro também pode significar a reversão de uma imagem negativa construída socialmente sobre o seu grupo étnico/racial” (Gomes, 2019, p. 156).

Figura 9 - Pai lutando com o cabelo

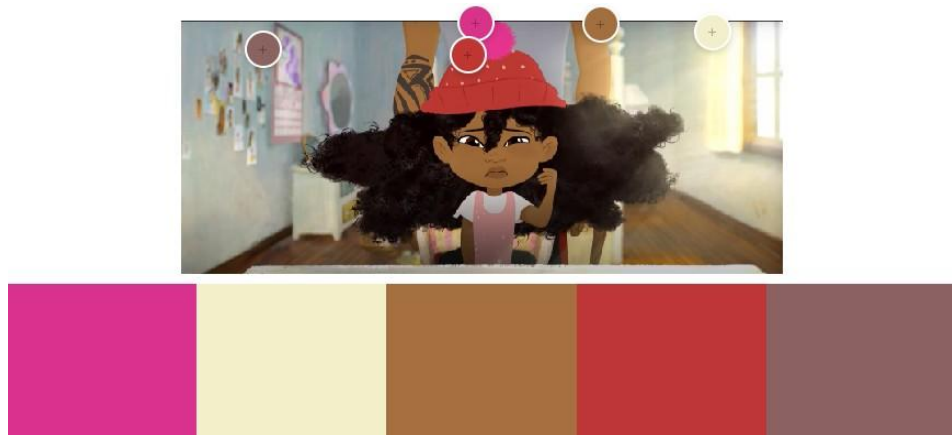


Fonte: “*Hair Love*” (2019)

Já nessa cena, quando o pai a encontra com o cabelo todo bagunçado, eles escolhem representar o cabelo crespo como se fosse uma força da natureza, com vontade própria. Como se penteando do jeito errado, ele fosse dar um tapa na sua mão, te bater. A forma como escolheram representar é bem lúdica, já que qualquer pessoa com cabelo crespo sabe que ele realmente tem vontade própria no dia a dia, um dia pode acordar de bom humor e está lindo, mas pode também acordar mal humorado.

O pai sem saber lidar com o cabelo, não o compreende e só quer “controlá-lo”, mas o cabelo tem vontade própria e não deixa. Nessa sequência, a escolha das cores para uma cena de luta dentro de um ringue não é aleatória, Heller (2022) alega que o vermelho junto ao preto adquire um significado negativo, transmitindo agressividade e brutalidade. Nesse caso, como é uma animação, a sensação dessas cores é suavizada, mas de todo modo, a paleta dessa sequência se transforma para tons mais escuros, destoando do resto do curta, como se o escuro da sombra do cabelo deixasse o pai acuado, como se ele não tivesse escapatória e pudesse ser esmagado, já a cor vermelha, a qual está sendo utilizada para chamar atenção para algumas nuances, nesse caso, assume a função de destacar certas metáforas, nesse caso é a metáfora de ser uma “luta” com o cabelo.

Figura 10 - Zuri chateada por colocarem o gorro nela



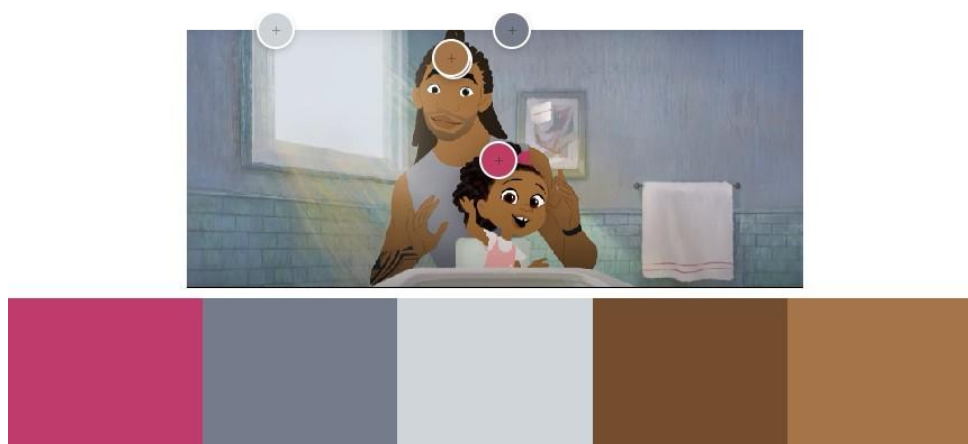
Fonte: “Hair Love” (2019)

Depois dessa tentativa mal sucedida de arrumar o cabelo, o pai cansado tenta colocar o gorro, o que pode ser uma metáfora para esconder, até sendo uma forma de repressão com o cabelo dela, o que faz ela chorar. É interessante pensar que mesmo sendo um pai afro-americano que possui *dreadlocks*, o que pode ser considerado uma vaidade com o cabelo, ele ainda não consegue entender a importância do cabelo na autoestima da filha, que é uma menina negra, o que fica nítido quando ele coloca um gorro nela, fazendo ela chorar, porque ela não gosta, ela acha ruim, justamente porque o cabelo tem muita importância para os negros, não só para uma criança, mas também para qualquer mulher.

Na cena do gorro, tem-se na mesma imagem a utilização de tons mais escuros do lado esquerdo, fazendo sombra, e tons mais claros do lado direito, o que gera sensação de conflito da personagem, já que ela está entre um dia feliz, o dia de encontrar a mãe dela e triste por não conseguir arrumar o cabelo. Além disso, ela fica frustrada e chora, já que seu pai não entende a importância que o cabelo dela tem, assim como a mãe a ensinou. Isto posto, o gorro tem papel fundamental para demonstrar sua frustração, por isso a cor escolhida é o vermelho para se ter um contraste com os demais elementos.

Depois da filha sair chorando do quarto é quando o pai finalmente percebe o que fez e também fica triste, ele percebe o quanto o cabelo é importante para a filha. E assim, eles se aproximam, assim ele decide enfrentar essa briga com a filha, indo ao encontro dela para arrumarem o cabelo juntos.

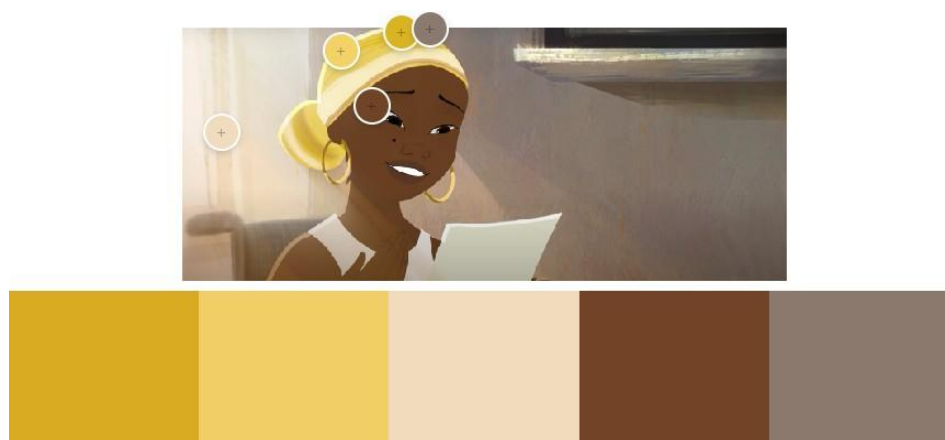
Figura 11 - Pai e filha depois de arrumarem o cabelo juntos



Fonte: “Hair Love” (2019)

A escolha da paleta nessa cena utilizando principalmente o azul e o rosa é uma forma de mostrar ternura e delicadeza. Segundo Heller (2022) o rosa, mistura de uma cor quente com uma cor fria, simboliza as virtudes do meio-termo. Rosa é a sensibilidade, a sentimentalidade. Além disso, todos os sentimentos que pertencem ao rosa são positivos, sendo assim essa cor pode ter sido utilizada pelo fato de ser um dia especial, por isso ela escolheu usar um vestido rosa, pois o diretor do filme quer demonstrar que é um dia bom, assim quando se descobre o motivo do dia especial que é visitar a mãe dela, entende-se também o fator de sentimentalidade que o rosa trás. Já o azul é a cor preferida entre as cores, a cor da simpatia, da harmonia, da amizade, da confiança, da pureza e da tranquilidade. Ele é utilizado, pois é uma cena que demonstra afeto e carinho, pois pela primeira vez pai e filha estão se ligando através do ato de arrumar o cabelo, o que configura também ternura e atenção. Um momento de ligação que transmite confiança e tranquilidade entre pai e filha.

Figura 12 - Mãe olhando desenho de Zuri



Fonte: “Hair Love” (2019)

Ao final da história entende-se o motivo para o dia ser especial, ela vai ao encontro da mãe, a qual supomos que estava em tratamento contra o câncer, já que eles se encontram em um hospital e ela está sem o seu cabelo. É nesse momento que a filha lhe mostra um desenho, que é a mãe careca com uma coroa. Esse tipo de representatividade é muito importante, porque hoje para a mulher negra principalmente o *black* é como se fosse sua coroa. Mas, e quando não se tem mais um *black*? A expressão “O Black é a coroa!” é uma afirmação que destaca a beleza e a importância do cabelo crespo e volumoso, reconhecendo que cabelos crespos fazem parte da construção da identidade negra e são um símbolo de resistência contra a pressão histórica para se adequar aos padrões eurocêntricos de beleza.

Na cena acima, ao analisar a paleta de cores, percebe-se que não há muitas mudanças em relação as cores durante o curta, há uma mudança nas tonalidades, assim as tonalidades de amarelo são escolhidas para exaltar a beleza da mulher negra, como uma rainha, já que o amarelo do lenço faz referência ao amarelo da coroa, em uma metáfora que diz "Você mulher negra, não precisa de uma coroa ou de um *black* para ser uma rainha, só por ser quem é, já é uma rainha".

O curta-metragem transmite uma mensagem sobre amar e celebrar a negritude. Celebrar e amar à negritude são aspectos fundamentais na criação de um autoconceito e autoestima positivas sobre si, aspectos importantes na descolonização de nossas mentes. "Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras" (hooks, p. 56, 2019).

3.3 Olhar opositor e criadores

Ao se analisar a ficha técnica de *Hair Love* (2019), percebe-se que seus criadores, produtores e colaboradores em sua maioria são pessoas negras. Este dado é relevante, pois, isto reflete no tipo de material produzido e na sua representatividade para a produção negra, já que o cinema é uma arte ainda atrelada ao discurso hegemônico da branquitude.

FICHA TÉCNICA		
Diretores: Matthew A. Cherry (Produtor Executivo, “Infiltrado na Klan”);	Produtores: Karen Rupert Toliver; Stacey Newton; Mônica A. Young;	Produtores executivos: Peter Ramsey (Diretor, “Homem-Aranha: No Aranhaverso”);

Everett Downing Jr. (Animador, "Up"); Bruce W. Smith (Criador, "A Família Radical") e (Animador, "A Princesa e o Sapo").	Matthew A. Cherry; David Stewart II; Carl Reed;	Frank Abney (Animador, "Toy Story 4").
Participação: Issa Rae ("Insecure") como mãe de Zuri;	Co-produtores executivos: Jordan Peele; Andrew Hawkins; Harrison Barnes; Yara e Keri Shahidi;	Produtores Associados: N'Dambi Gillespie; Gabrielle Union-Wade; Dwayne Wade Jr.; Gabourey Sidibe; Stephanie Fredric; Claude Kelly;
Compositores musicais: Paul Mounsey; Daniel D. Crawford;	Compositor Adicional: Taylor Graves	Parceiros de Produção: Lion Forge Animation Chasing Miles Matthew A. Cherry Entertainment

Fonte: elaboração própria com base na ficha técnica disponível no *You Tube*

A Ficha Técnica acima mostra as pessoas que trabalharam na produção do curta. Alguns nomes se destacam por terem trabalhado em produções conhecidas, por exemplo, o próprio Matthew A. Cherry⁶ é um diretor de cinema, escritor, produtor e ex-jogador de futebol americano. Ele escreveu e dirigiu dois filmes independentes, *The Last Fall* (2012), o qual ganhou o prêmio de Melhor Roteiro no *American Black Film Festival*, e *9 Rides* (2016). Além de ter sido Produtor Executivo no filme *Infiltrado na Klan*, outro nome conhecido da ficha técnica acima é Jordan Peele, que foi Produtor nesse filme também.

Jordan Peele⁷ é um ator e cineasta norte-americano, mais conhecido por ter feito parte do elenco do MADtv e por ter escrito e dirigido *Get Out*, cujo roteiro lhe rendeu um Oscar de melhor roteiro original em 2018, tornando-o o primeiro negro a receber o prêmio na categoria. Antes ele era um ator e diretor de comédia, também participou de *Toy Story 4*, assim como Frank Abney, que foi animador e atual produtor executivo. Depois, ele se reinventou no terror.

⁶ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Matthew_A._Cherry. Acesso: 13 de agosto de 2023.

⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jordan_Peele. Acesso: 13 de agosto de 2023.

Então, apenas dele estar nessa produção como co-produtor já é um indicativo de como será a discussão, já que ele tem a consciência social produzindo e dirigindo filmes com protagonistas negros.

O diretor Everett Downing Jr.⁸ é um animador, artista de histórias e diretor. Ele começou sua carreira no cinema, animando no *Blue Sky Studios* no original "A Era do Gelo". Animou vários filmes premiados (todos de "Ratatouille", "UP" à "Monster's University"). Já o diretor Bruce Wayne Smith⁹ é um animador, designer de personagens, diretor de cinema e produtor de televisão americano, criador de "A Família Radical" e animador de "A Princesa e o Sapo").

Jo-Issa Rae Diop¹⁰, mais conhecida como Issa Rae, é uma atriz, escritora, cineasta e produtora cinematográfica norte-americana. Rae alcançou amplo reconhecimento como co-criadora, co-roteirista e estrela da série de televisão da HBO *Insecure*, pela qual ela foi indicada para vários Globos de Ouro e Prêmios Emmy do Primetime. Ela também fez a voz dubladora de Jessica Drew/Mulher-Aranha na sequência da animação Homem-Aranha: No Aranhaverso.

Como Produtor Executivo, Peter A. Ramsey¹¹, cineasta, ilustrador e escritor americano. Foi diretor de Homem-Aranha: No Aranhaverso (2018), obra nomeada ao Óscar 2019 na categoria de Melhor Filme de Animação.

É interessante perceber como aparentemente todos já se conhecem de outros trabalhos, trabalhos esses marcados por protagonismos de pessoas negras. Isto é, essas pessoas são responsáveis pelo protagonismo negro que estamos vendo nas telas atualmente. Isso remete ao conceito de olhar opositor de bell hooks (2019), porque ao olhar as telas e não se reconhecer, surge uma resistência, já que o olhar opositor é um olhar provocador, que contesta, questiona e quer mudanças. Porém, a quantidade de produções que vemos hoje é fruto da iniciativa de um grupo seletivo de pessoas negras ou de fato há um movimento global por representatividade, incluindo pessoas brancas? Penso que esta questão pode conduzir outras reflexões igualmente importantes em trabalhos futuros.

⁸ Disponível em: <https://animationisfilm.com/filmmakers/everett-downing/>. Acesso: 13 de agosto de 2023.

⁹ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Bruce_W._Smith. Acesso: 13 de agosto de 2023.

¹⁰ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Issa_Rae. Acesso: 13 de agosto de 2023.

¹¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Ramsey. Acesso: 13 de agosto de 2023.

CAPÍTULO 4 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Segundo a Lei 14.533/2023 que institui a Política Nacional de Educação Digital (PNED), é necessário garantir a educação digital para que desenvolvam nas crianças competências digitais, com ênfase ao letramento digital e informacional, conforme disposto no eixo Educação Digital Escolar no artigo 3º da Lei. O objetivo do letramento digital é capacitar as pessoas com as habilidades necessárias para entender, usar e interagir de maneira eficaz com as tecnologias digitais e a vasta quantidade de informações disponíveis online. Mais do que apenas saber como usar dispositivos e aplicativos, o letramento digital envolve uma compreensão crítica das informações disponíveis dentro do ambiente digital.

Além disso, essa sequência didática visa trabalhar a Educação para as Relações Étnico Raciais, buscando a promoção de uma educação antirracista, considerando que a escola é o principal espaço para disseminação de uma formação pautada nos princípios de igualdade e respeito à pessoa humana. Em consonância com a Lei nº 10.639/2003 que traz a obrigatoriedade da temática de história africana e afro-brasileira nos currículos da Educação Básica, em instituições públicas e privadas. Considerando que o trabalho junto aos estudantes da escola básica é essencial para a compreensão da importância dos negros na sociedade, bem como para a construção de olhares sobre a diversidade étnica brasileira.

Para a criação da sequência didática, considera-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o qual é um documento norteador das ações pedagógicas dentro das escolas, sendo esse obrigatório. Ela surgiu como uma proposta de ser um documento orientador para a educação básica no Brasil, que define os objetivos de aprendizagem e competências que os alunos devem desenvolver em cada etapa da educação, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio em todo o território nacional.

A Base Nacional Comum Curricular teve o objetivo de unificar os currículos da Educação Básica nacional. No que tange às Relações Étnico-Raciais, sabe-se que com sua aprovação houve algumas críticas com relação ao fato dela tratar a temática como transversal e integradora, ao contrário de tentar fazer uma formação multiculturalista e pluriétnica. Na BNCC, quando aparece o termo “Educação das Relações Étnico-Raciais”, é para fazer menção a Lei 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica.

Dessa forma, o documento até apresenta que essa inclusão deve ser feita de forma transversal e integradora, mas não apresenta como deve ser feita. Isto é, a BNCC, por si só, não garante a igualdade e implementação de uma educação antirracista. É o que mostra a

análise do documento realizada apenas por palavras chaves,

É possível, após realizar uma pesquisa rápida de palavras chaves no documento, utilizando o comando de busca (Ctrl+f) que a palavra “racismo” só é encontrada seis vezes no referido documento, sendo quatro entre as habilidades e competências do componente de História, uma entre as habilidades de ciências humanas e sociais aplicadas ao Ensino Médio e a última no texto introdutório que compõe a competência específica três de ciências da natureza e suas tecnologias no Ensino Médio (Cunha, A. S. et al., 2022, p. 197).

Essa pequena busca, já alerta sobre uma superficialidade no texto da BNCC acerca da temática racial. Assim, não há um direcionamento claro e objetivo da urgência e necessidade de implementação de ações afirmativas dentro das escolas vindas da BNCC, ficando essa tarefa de combater o racismo e as discriminações que atingem os negros a cargo da autonomia das Secretarias de Educação e das escolas.

De forma geral, as questões relacionadas à população negra presentes no documento são referenciadas dentro de conteúdos de componentes curriculares, por exemplo, abordando diversidade, especificamente em história, geografia, arte, língua portuguesa e ensino religioso, isso para o Ensino Fundamental. Já para o Ensino Médio as questões são abordadas dentro dos Itinerários Formativos de Ciências Humanas e Linguagens.

Para a criação dessa sequência didática será utilizado as habilidades que constam na BNCC. Cabe destacar que a organização da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) se dá a partir de habilidades, conteúdos e competências a serem trabalhadas com os educandos. E, divide os componentes curriculares em “unidades temáticas”, “objetos de conhecimento” e “habilidades”.

Além disso, a BNCC incentiva a leitura crítica, a escrita responsável e a participação ativa de forma transversal em diversas competências gerais. Dentro das Competências Gerais, há a temática educação midiática e a diversidade que serão temáticas utilizadas nesse trabalho. A Educação midiática pode ser relacionada às Competências Gerais 4, 5 e 7. Já a diversidade pode ser relacionada às Competências Gerais 3,6 e 9. Nessa última competência a temática é mais evidente do que nas demais, é o que se percebe a partir do trecho “promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2017).

Identifica-se, portanto, que conforme o documento oficial que orienta as práticas pedagógicas, a educação midiática e a diversidade não constituem um componente curricular específico. Ambas se referem a uma prática que articula conteúdos de modo transversal e pode

ser implementada de maneira diversificada.

4.1 Relações Étnico-Raciais e Educação Midiática

Como foi exposto no primeiro capítulo, os audiovisuais possuem convenções que conforme o passar do tempo se concretizam, seja pela construção do tipo de enredo nos quais já se espera o que pode acontecer, seja pela construção de personagem. Tudo isso são aspectos que educam o olhar da pessoa que está assistindo. Essas convenções ao longo do tempo foram utilizadas também para perpetuar estereótipos que repetidas à exaustão corroboram para a criação de um imaginário social preconceituoso sobre eventos, relações sociais, pessoas e lugares.

Porém, eles também podem ser utilizados para transformar os estereótipos para algo positivo, mudando a forma padronizada e generalizada de personagens aos quais atribuímos certos sentidos. Sendo assim, o cinema cria sentidos que alimentam a cultura ou a modificam. É o que Machado e Thobias nos sinalizam: “A maneira como as mídias - livros, filmes, anúncios publicitários e até mesmo embalagens de produtos ou videogames - retratam uma sociedade pode nos ajudar a reconhecer e enfrentar preconceitos ou, por outro lado, reforçá-los” (Machado e Thobias, 2023, p. 2).

Visando trabalhar a partir da perspectiva de enfrentar preconceitos e construir novas percepções do ser negro. Essa sequência trabalha com a perspectiva da educação antirracista "aquela que ativamente combate toda e qualquer expressão de racismo na escola e no território" conforme Centro de Referências em Educação Integral, além de reconhecer e valorizar as contribuições do povo negro para o Brasil. Assim, a educação antirracista pretende não só promover relações mais saudáveis entre as pessoas, mas também promover a capacidade crítica dos alunos para perceber e combater o racismo em todas as esferas da sociedade.

Quando se fala em todas as esferas da sociedade, é preciso pensar também no ambiente digital. De acordo com Kenski (2003) as pessoas se tornam consumidoras acríticas do universo midiático devido a um bombardeamento rápido de imagens que se tem na esfera digital, as quais por sua velocidade e quantidade tornam-se impossíveis de serem processadas adequadamente. Dessa forma, precisa-se trabalhar com os alunos as imagens de forma crítica e reflexiva.

Desse modo, a educação midiática se entrelaça com a educação antirracista, já que estando em um mundo marcado pela tecnologia, o racismo também está presente na esfera digital. Assim, a escola também precisa levar em consideração práticas e atividades que ajudem os educandos a interagir de forma mais reflexiva e responsável com a esfera digital,

combatendo práticas preconceituosas.

Nesse sentido, a educação midiática é uma ótima forma de se questionar a lógica racista presente na sociedade, já que a esfera digital representa em grande parte o imaginário social já estabelecido na sociedade. Claro que há diferenças, já que na esfera digital, em alguns momentos há a crença do anonimato, o que amplia algumas ações preconceituosas, por exemplo. A educação midiática propõe um olhar reflexivo para as mídias que se consome, possibilitando a reflexão sobre as formas que elas trabalham para perpetuar preconceitos étnico- raciais por meio de estereótipos construídos e pela falta de representatividade. Por isso, além de se fazer críticas ao modelo atual, necessita-se mudá-lo a partir da ampliação da representatividade de pessoas negras a partir de perspectivas positivas, já que:

A forma pelas quais os negros são representados em produtos culturais como novelas, filmes, séries e desenhos impacta muito a visão que a sociedade tem dessa grande parcela da população, afetando crianças e jovens. Quando uma criança se vê representada nas mídias, seja por uma apresentadora de telejornal ou por um super-herói de um filme de uma franquia famosa, isso contribui diretamente para o fortalecimento de sua autoestima, afirmando a possibilidade de ocupação desses e de outros espaços (Thobias, 2023)

Assim como a educação midiática, a educação antirracista pode e deve ser trabalhada em todas as áreas do conhecimento, de maneira transversal e contínua, não apenas pautada por um calendário e datas comemorativas. Para sua implementação é importante que ela seja adaptada a cada território, sala de aula e cultura, considerando também a importância que as tecnologias possuem no dia a dia dos jovens.

Isto é, a internet pode desempenhar um papel significativo no combate ao racismo também, se por um lado ele pode amplificar discursos de ódio, por outro pode servir para disseminar conteúdos que discutam de forma positiva questões de representatividade. Principalmente, porque a internet e as tecnologias digitais têm se tornado cruciais para a disseminação de informações, informações diversas e amplas sobre o racismo, sua história, manifestações contemporâneas e seus impactos, o que ajuda a criar uma melhor compreensão sobre o tema, promovendo uma sensibilização e compreensão dessas pessoas.

Algumas possibilidades da internet para o combate ao racismo ocorrem por meio da participação ativa, por meio de ativismos, por exemplo, a campanha #VidasNegrasImportam que buscava a valorização da presença do negro na sociedade. Os estudantes podem utilizá-las para compartilhar experiências positivas e cobrar mudanças. Dessa forma, isso amplia as vozes daquelas pessoas que muitas vezes são marginalizadas e ajuda a construir uma compreensão mais abrangente da extensão do problema.

Além disso, o letramento digital pode auxiliar na desconstrução de estereótipos e preconceitos enraizados por meio da exposição a uma variedade de perspectivas e narrativas. Isso pode ajudar as pessoas a desenvolverem uma mentalidade mais inclusiva. Ademais, ele permite que as pessoas ajam individualmente contra o racismo visando a formação coletiva, seja educando amigos e familiares, denunciando discursos de ódio online ou apoiando organizações antirracismo.

Em resumo, o letramento digital é importante no combate ao racismo, pois amplia o acesso à informação, promove a conscientização, facilita o ativismo e ajuda a construir uma sociedade mais inclusiva e justa. No entanto, é importante reconhecer que o letramento digital por si só não é suficiente; ele deve ser combinado com ação real e engajamento fora do ambiente digital para promover mudanças.

4.2 Iniciando...

Compreender a Educação das Relações Étnico-Raciais como um exercício feito de maneira transversal ou em camadas, junto à aplicação de outros conteúdos ou atividades no ambiente educacional, oportuniza sua inclusão em diversas áreas do conhecimento, conforme evidenciado anteriormente. Essa sequência didática busca demonstrar as possibilidades do uso do curta-metragem *Hair Love* (Cherry, 2019) em discussões em sala de aula sobre questões étnico-raciais, destacando a importância de utilizar mídias com uma intencionalidade pedagógica, a partir do ensino de conteúdos curriculares do 5º ano do ensino fundamental. De acordo com Zabala (1998) as sequências didáticas correspondem a atividades elaboradas em conjunto, com ordem, estrutura e articulação entre si, a fim de alcançar os objetivos educacionais definidos.

Para organizar as atividades propostas, o plano divide-se em seis momentos. No primeiro momento assistir-se-á o curta-metragem *Hair Love* (2019), explorando com os estudantes suas percepções acerca dessa mídia, e lhes apresentando a ficha técnica e sua funcionalidade. O segundo exercita com os estudantes sua capacidade analítica sobre quem são seus heróis e o que eles significam para você. A terceira e quarta etapas são voltadas para a leitura crítica, explorando o uso de matérias e imagens sobre o conceito de representatividade. O quinto momento relaciona-se a fazer uma análise filmica conjunta, professor e aluno, sobre o curta *Hair Love* (2019) e por fim os alunos produzirão um vídeo intitulado Minuto Lumière. Já o último momento trata do encerramento das atividades desenvolvidas durante a sequência didática, no qual os alunos irão analisar produções de sua vida cotidiana, oportunizando aos

estudantes que exerçam sua capacidade crítica relacionada a mídias do dia a dia que eles assistem, além de roteirizar um vlog sobre isso. Por fim, irão apresentar aos colegas o vídeo do vlog e o vídeo produzido do Minuto Lumière, e se possível, também à comunidade escolar, além de discutir seus aprendizados e dar um feedback ao aplicador, para que as futuras experiências com a sequência sejam aprimoradas.

Assim, é possível alcançar o objetivo geral da sequência didática: trabalhar questões étnico-raciais conjuntamente com a educação midiática a partir do curta-metragem *Hair Love* (Cherry, 2019) em discussões em sala de aula de forma transversal a conteúdos de língua portuguesa e história. Assim, como propõe a BNCC (Brasil, 2017) estimulando o pensamento crítico dos estudantes a partir da educação midiática e da educação antirracista e demonstrando as potencialidades da sua aplicação transversal em todas as áreas do conhecimento.

4.3 Objetivos da Sequência Didática

A Sequência Didática é destinada ao 5º ano do Ensino Fundamental. O objetivo geral dessa sequência didática é trabalhar o poder de representação nas projeções visuais, especificamente em relação ao cabelo no curta *Hair Love* (2019), para a transformação do autoconceito de crianças negras. Já que é importante refletir de que maneira pessoas negras aparecem e são representadas nas mídias. Já que isso ajuda crianças não brancas e brancas a construir imagens sobre o que é o ser negro.

De acordo com a BNCC (2017), a Unidade Temática que será trabalhada é Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social. Já o Objeto de conhecimento será Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas. Durante a sequência didática, as seguintes habilidades do componente curricular de história da BNCC (2017) serão trabalhadas:

- (EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.
- (EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.
- (EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

No que tange o conteúdo de Língua Portuguesa,

os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de

escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses) (Brasil, 2017, p. 71)

Assim, na BNCC, as práticas de linguagem são organizadas por campos de atuação. Para essa sequência didática, são utilizados todos os eixos, oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística/semiótica. Durante a sequência didática, as seguintes habilidades do componente curricular de português da BNCC (2017) serão trabalhadas:

- Campo de atuação - Todos os campos de atuação
Prática de Linguagem - Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)
Objeto de Conhecimento - Estratégia de leitura
Habilidade - (EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

- Campo de atuação - Campo da Vida Cotidiana
Prática de Linguagem - Leitura/escuta (compartilhada e autônoma) Objeto de Conhecimento - Leitura de imagens em narrativas visuais
Habilidade - (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

- Campo de atuação - Campo da Vida Pública
Prática de Linguagem - Leitura/escuta (compartilhada e autônoma) Objeto de Conhecimento - Compreensão em leitura
Habilidade - (EF05LP15) Ler/assistir e compreender, com autonomia, notícias, reportagens, vídeos em vlogs argumentativos, dentre outros gêneros do campo político-cidadão, de acordo com as convenções dos gêneros e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

- Campo de atuação - Campo da Vida Pública
Prática de Linguagem - Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma) Objeto de Conhecimento - Escrita colaborativa
Habilidade - (EF35LP15) Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

- Campo de atuação - Campo da Vida Pública

Prática de Linguagem - Oralidade e Análise linguística/semiótica (Ortografização)
Objeto de Conhecimento - Planejamento e produção de texto; Produção de texto; Forma de composição dos textos.

Habilidade - (EF05LP18) Roteirizar, produzir e editar vídeo para vlogs argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, games etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto/finalidade do texto.

Habilidade - (EF05LP19) Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes.

Considera-se aqui o conceito de leitura no contexto da BNCC, a qual é “tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.)” (Brasil, 2017, p. 72). Dessa forma, utiliza-se na sequência didática, imagens, vídeos, entre outros que corroboram para esse conceito presente na BNCC.

Assim, pensando em crianças com cabelo crespo, esse trabalho busca trabalhar o pensamento reflexivo crítico de imagens e como as representações impactam a construção de sua identidade. Essa questão será trabalhada por meio de uma proposta pedagógica a partir da análise do curta *Hair Love* (2019) discutindo o autoconceito, a autoestima e o empoderamento de crianças negras.

4.4 Sequência Didática - *Hair Love* (2019)

Neste início da sequência didática define-se como objetivos: apurar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca de diversidade e representatividade; discutir com eles a representatividade e a construção de *Hair Love* (2019) e apresentar aos estudantes como será desenvolvida a sequência didática nos momentos seguintes.

A primeira aula se dará durante o tempo de 50 minutos. Para iniciar as atividades de reflexão sobre diversidade e representatividade, será exibido o curta-metragem *Hair Love* (2019), depois da exibição do curta, pergunte a eles: o que acharam do filme? Quais foram as percepções? Como se sentiram? Qual a importância desse tipo de iniciativa? O que eles acham que é o tema do filme? Eles conhecem outros filmes que retratam pessoas negras? Qual a diferença desse curta em relação a outros filmes que retratam pessoas negras? Qual a

importância de se retratar uma família negra em uma situação cotidiana tendo o amor como pano de fundo, amor ao cabelo, amor ao pai, amor à mãe?

Escreva na lousa as percepções ou em um cartaz. Depois dessa primeira análise, apresentar a história do filme, como surgiu a ideia, a qual aconteceu a partir de um vídeo postado no *facebook*, conte que ele ganhou o Oscar de melhor animação, além de outros prêmios. Depois, introduza a importância do cabelo para a cultura negra. Explique que “a manipulação do cabelo do negro e da negra, nessa perspectiva, pode ser vista como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil” (Gomes, 2002, p. 50).

Apresente a seguir a estrutura de uma ficha técnica, explicando qual sua função e quais as informações que estão presentes, qual a função de cada um que está descrito no texto: como produtor, diretor, roteirista, etc. Para finalizar a aula: peça para que completem a ficha técnica do filme e pesquisem quem são as pessoas descritas na ficha. É interessante notar que a maioria são de pessoas negras que já trabalharam em outras produções com protagonismo negro. Peça a eles que reflitam sobre o que eles acham que isso significa? Por fim, trabalhe o conceito de olhar opositor da bell hooks (2019) de forma simplificada.

Dando continuidade à sequência didática, o objetivo a seguir é analisar algumas representações que envolvem o cabelo Black Power na mídia. Inicie fazendo perguntas sobre o que eles acharam do curta *Hair Love* (2019) e como ele representou o cabelo crespo. Conte que a produção do filme convidou para a cerimônia de entrega do Oscar o jovem De’Andre Arnold, que é o protagonista de um caso de racismo em sua escola, no Texas, onde ele foi impedido pela direção da escola a participar de sua própria formatura, por usar dreadlocks. Pergunte se eles já viram outras representações ou se lembram de algo icônico a respeito do cabelo black. Após esses questionamentos, escreva os resultados, para ficar visível, pode-se escrever no quadro. Depois, sugere-se que para essa atividade, no caso de uma sala de aula convencional, a turma se disponha em roda, sentados no chão ou em suas carteiras, de maneira a facilitar o diálogo. O primeiro passo, após organizar a sala, será distribuir algumas cópias de reportagens para eles. Eles deverão lê-las e depois será discutido o conteúdo. Por exemplo, a reportagem que fala sobre a propaganda do governo¹² que associa o cabelo crespo à queimada.

¹² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/14/propaganda-do-governo-do-df-associa-cabelo-de-homem-negro-a-queimadas>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

Figura 13- Propaganda que associa cabelo crespo à queimada



Fonte: GDF

Além da frase proferida pelo Babu no Big Brother Brasil do ano de 2020 "O black é a coroa e o pente a libertação"¹³. Peça para que eles escrevam suas percepções sobre essas reportagens. Neste momento inicial é dada a abertura para que os alunos expressem suas primeiras impressões sobre as imagens. A seguir discuta em sala a problemática da primeira imagem e como ela pode ser considerada racista. Depois, discuta a frase do Babu e o seu significado. Como forma de embasamento peça para eles pesquisarem sobre como o *black* se tornou símbolo de resistência, apresentando no processo uma trajetória de como foi construída a representação do cabelo crespo.

Depois pergunte para as crianças: Será que a forma como as pessoas pensam no cabelo crespo mudou? A forma como o cabelo *black* é representado na mídia influencia a mentalidade da população? Como normalmente o cabelo *black* é representado, ainda mais em filmes um pouco mais antigos? Para eles, qual a importância da representatividade nas mídias? Anotar no quadro ou no verso da mesma cartolina as falas.

Para a terceira aula, com 50 minutos, o objetivo é analisar como a representatividade influencia seu autoconceito. A temática será representatividade, pensando no filme *Hair Love* (2019). Que tipo de representatividade o filme aborda? Questione se eles se sentem representados e se identificam com alguém na mídia? Eles já tiveram problemas com o cabelo, precisaram de ajuda de seus pais para o arrumar? Em seguida, apresente aos alunos o trailer do filme "A Vida e a História de Madam C.J. Walker"¹⁴, que tem como protagonista

¹³ Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/01/babu-santana-mostra-corte-de-cabelo-o-black-e-coroa-e-o-pente-libertacao.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

¹⁴ Disponível em: [A Vida e a História de Madam C.J. Walker | Trailer oficial | Netflix](#). Acesso em 20 de agosto de 2023.

uma pessoa negra real que lucrou com a venda de produtos para cabelos e peça que, em grupos, os alunos discutam a importância do produto dela numa época em que o cabelo crespo era visto como ruim. Depois, compartilhe com eles a reportagem da Veja¹⁵ que mostra as dificuldades que a protagonista enfrentou durante a sua vida até se tornar empresária. Discuta sobre como a história da primeira mulher milionária dos Estados Unidos foi apagada por tantos anos. Sobre como a falta de representatividade e diversidade era e é um problema ainda nas produções.

Caso haja a possibilidade, espelhe ou escreva no quadro a frase de Whoopi Goldberg e sua foto, “Bem, eu tinha 9 anos quando Star Trek foi ao ar. Eu olhei para a televisão e saí correndo pela casa gritando: “Vem aqui, mãe, todo mundo, depressa, vem logo! Tem uma moça negra na televisão e ela não é empregada! Naquele exato momento eu soube que podia ser o que eu quisesse.” Depois explique quem ela é, Whoopi Goldberg é atriz, cantora e apresentadora, nascida em Nova York no ano de 1955. Foi a primeira atriz negra norte-americana a ganhar a chamada “tríplice coroa da atuação”, com um Oscar, um Emmy e um Tony. Aqui é importante explicar a relevância desses prêmios. Continuando, ela fez sucesso com suas atuações em *Cor púrpura*, *Ghost* e *Mudança de hábito*. É famosa pela sua militância antirracista e pelos direitos das mulheres¹⁶. Ao terminar a apresentação, questione se algo parecido já aconteceu com eles, ao ver um personagem parecido com eles ou se eles se lembram de uma história de outra pessoa. Oriente a análise dos alunos, para que percebam como foi importante para a atriz Whoopi Goldberg se sentir representada na televisão, em um papel que não fosse estereotipado. Algumas questões possíveis para debate são: Como você se sente ao ver nas mídias alguém com as suas características? Todas as realidades e pontos de vista estão igualmente representados nas mídias? Qual a importância de se ter autores que trabalham diferentes percepções não estereotipadas de pessoas não brancas nas produções que consumimos, no jornalismo ou no entretenimento?

¹⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/e-tudo-historia/madam-c-j-walker-a-surpreendente-historia-real-da-serie-da-netflix>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

¹⁶ Disponível em: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-6625/>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

Figura 14 - Atriz Whoopi Goldberg



Fonte: Revista Marie Claire

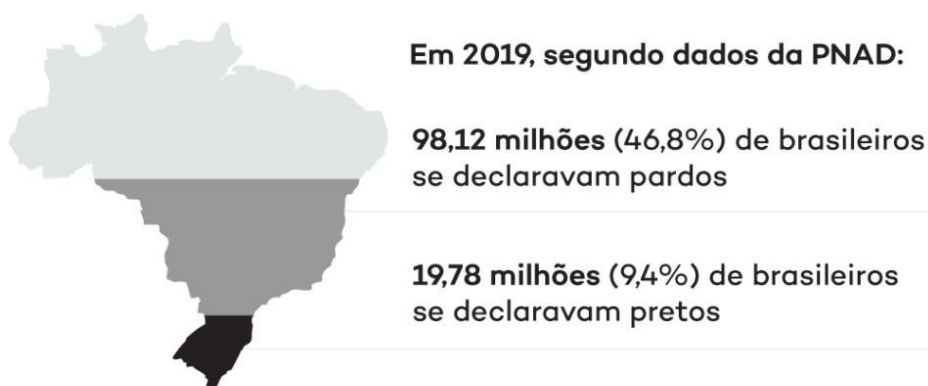
Na quarta aula, com duração de 50 minutos, comece a aula retomando o conceito de representatividade da aula anterior, espelhando no quadro o conceito de representatividade, “Hoje, representatividade, vem do ato de sentir-se representado, por alguém ou movimento mais influente, geralmente nas grandes mídias. Representatividade é, também, a qualidade de nos sentirmos representados por um grupo, indivíduo ou expressão humana, em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais¹⁷”. Questione os alunos onde e como eles percebem que são representados os negros e indígenas na sociedade brasileira. Explique que há diversos dados que escancaram a desigualdade no Brasil em termos de representatividade. Por exemplo, o que mostra a proporção de negros e negras em cargos políticos, questionando o motivo de ser muito inferior à observada entre os profissionais brancos no país. A partir de pesquisas como esta, os estudantes podem refletir sobre o papel das mídias nesse cenário, e ações e políticas necessárias para mudar essa realidade.

No próximo slide, ou pode ser em uma impressão dada anteriormente aos alunos,

¹⁷ FARIAS, Jordão. A (falta) de representatividade negra: uso, sentido e efeitos na sociedade brasileira. Medium. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@fariasjordao/a-falta-de-representatividade-negra-usos-sentidos-e-efeitos-na-sociedade-brasileira-16f89770927b>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

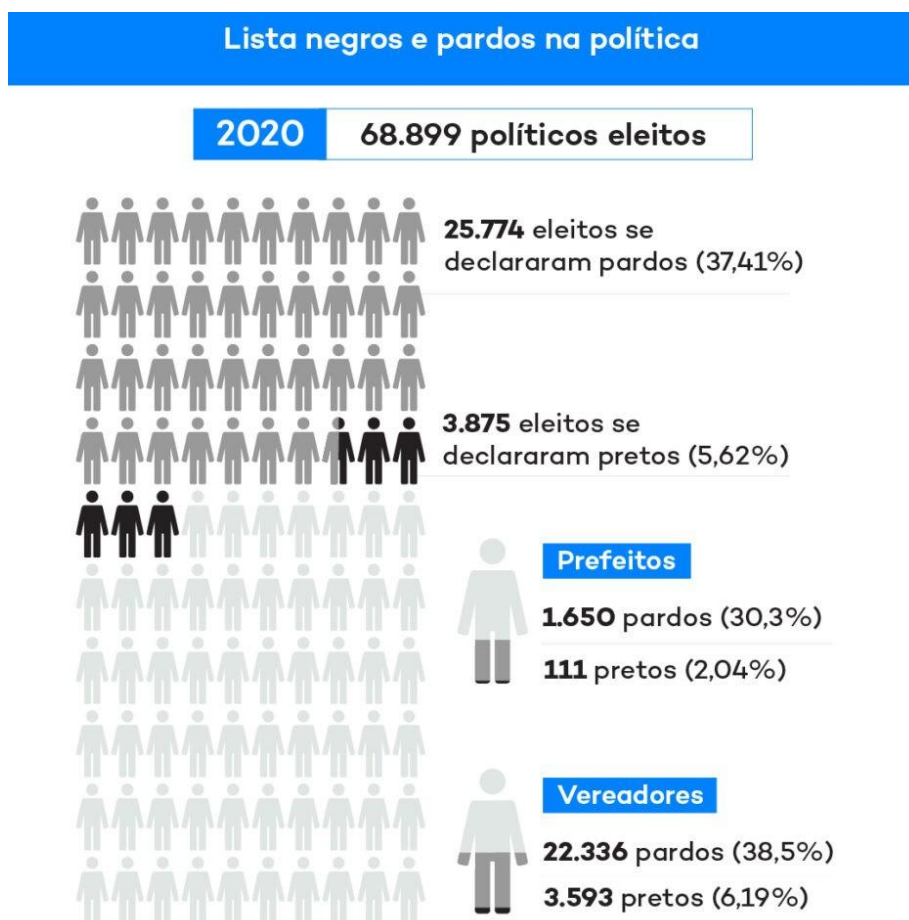
estará uma imagem com a porcentagem de pretos e pardos na população brasileira. E em outra imagem estará uma imagem da porcentagem de pretos e pardos no governo federal, ambas retiradas de uma reportagem do Congresso em Foco¹⁸.

Figura 15 - População brasileira



Fonte: IBGE

Figura 16 - Lista de negros na política



Fonte: TSE

¹⁸ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/sub-representacao-negra-nos-tres-poderes-escancara-racismo-brasileiro/>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

Após essa exposição, questione os alunos o que eles entenderam por representatividade. Veja se está parecido com o que eles responderam na aula anterior. O que eles pensam com relação a esses dados? A política é representativa em relação à população do Brasil? Porque eles acham que isso acontece? Relembre as consequências da escravidão e a presença do Racismo Estrutural na atualidade. É interessante que este conteúdo já tenha sido estudado pela turma, e que o professor lhes relembre os conceitos e elementos fundamentais para a reflexão sobre essas imagens, para que a partir daí o exercício possa fluir com os estudantes.

Para a quinta aula, a duração será de duas aulas de 50 minutos, na qual será trabalhado o filme *Hair Love* (2019), a partir do seu roteiro, sua trilha sonora e sua paleta de cores, como apresentado anteriormente neste trabalho. Caso sua escola tenha laboratório de informática, solicite seu uso. A proposta final é que eles façam um exercício com a câmera, o exercício Minuto Lumière, retratando uma cena cotidiana sobre amor, como foi feito no curta. Para isso, deve-se explicar quem foi os irmãos Lumière e sua importância para o cinema. Esse exercício prático se baseia na proposta do diretor francês de filmes de ficção e documentários, Alain Bergala. O autor explica que o ato de criação cinematográfico envolve três operações mentais simples: Escolha: escolher coisas no real em meio a outras possíveis; Disposição: posicionar as coisas umas em relação às outras; Ataque: decidir o ângulo ou ponto de ataque às coisas que se escolheu e dispôs.

Para filmagem do Minuto Lumière, os alunos receberão as seguintes orientações: O filme deveria ter uma única tomada de uma ação cotidiana; Ter um único plano; Utilizar a câmera parada, sem nenhum tipo de movimento no decorrer de 1 minuto; A câmera deveria estar apoiada numa superfície plana ou colocada num tripé. Antes da gravação, propriamente dita, necessitará que um roteiro seja feito, os alunos deverão pensar o que eles irão gravar e o motivo para explicar depois.

O comando dado aos estudantes será simples: eles devem gravar uma cena do seu cotidiano que trabalhe o autoamor. A escolha do que será gravado fará parte do processo criativo dos estudantes, que podem se expressar da forma que preferirem, de acordo com os recursos disponíveis. Os estudantes que estiverem com seus smartphones podem utilizá-los e auxiliar os colegas caso seja necessário, com a supervisão e apoio do professor, fornecendo apoio indicando ferramentas e auxiliando em seu manuseio. Essa atividade será uma preparação para a atividade de encerramento.

Na sexta e última aula, o objetivo é analisar como diferentes grupos da sociedade são

representados nas mídias. Caso sua escola tenha laboratório de informática, solicite seu uso. A duração é de duas aulas de 50 minutos. Para aprofundar, peça aos alunos que escolham uma mídia da escolha deles, pode ser filme, série, desenho, ele deverá fazer uma análise desse episódio, quanto a diversidade e pluralidade, como as pessoas não brancas foram representadas? Os negros são representados da mesma maneira que os brancos? Há diversidade e pluralidade na representação das mídias? Por que você acha que isso acontece? Quais são as consequências de, na maioria das vezes, sermos expostos a conteúdos que mostram negros em situação de vulnerabilidade, e não em posições inspiradoras? Todas as realidades e pontos de vista estão igualmente representados? Por fim, compare a mídia que foi utilizada com o filme *Hair Love* (2019), como as pessoas negras foram retratadas em ambas as produções?

Após essa primeira parte de análise, peça que façam um roteiro, de um vlog, a partir da análise realizada anteriormente, esse trabalho poderá ser feito em grupo ou individualmente. Os estudantes que estiverem com seus smartphones podem utilizá-los e auxiliar os colegas caso seja necessário, com a supervisão e apoio do educador, para que possam localizar sites ou aplicativos que facilitem sua produção com recursos de edição diversos e layouts prontos.

O educador também deve fornecer apoio indicando ferramentas e auxiliando em seu manuseio. Dentre os recursos disponíveis para criar com as mídias, há aplicativos como o *Capcut*¹⁹ para edição de vídeos. Por fim, irão apresentar aos colegas o vídeo do vlog e o vídeo produzido do Minuto Lumière, e se possível, também à comunidade escolar, além de discutir seus aprendizados e dar um feedback ao aplicador, para que as futuras experiências com a sequência sejam aprimoradas.

4.5 Concluindo...

Em síntese, a implementação da educação antirracista nas escolas é um passo importante para combater o racismo, promover a igualdade e criar um ambiente educacional inclusivo e equitativo. Além de fornecer aos alunos brancos e não brancos perspectivas diferentes do que é ser negro e quais as possibilidades que pessoas negras podem almejar, já que

A pauta antirracista inclui o reconhecimento de que a diversidade é um valor, e que negros devem ocupar todos os espaços da sociedade. Para isso, é essencial que crianças e jovens tenham contato, desde cedo, com histórias, imagens e exemplos de pessoas negras bem-sucedidas e em posições de destaque. Incentivar reflexões sobre a presença (ou ausência) de negros nos diversos ambientes é um passo importante para se pensar ações que possam gerar mais inclusão e equidade (Machado e Tobias, 2023, p. 12).

¹⁹ Disponível para smartphones com sistemas iOS e Android.

Em suma, ao propor a leitura crítica de textos e imagens, a educação midiática nos dá ferramentas para perceber quem atua em posições de destaque em nossa sociedade e nas mídias que consumimos, evidenciando a falta de diversidade e abrindo a possibilidade de reivindicar espaços. Também nos permite observar quem tem e quem não tem acesso aos espaços de publicação, e sanar esse desequilíbrio por meio de projetos que dão voz a grupos silenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hair Love (2019) é uma obra atual e relevante com grande repercussão, já que em 2020 venceu na categoria de melhor curta-metragem de animação do Oscar. A escrita deste trabalho buscou sanar a seguinte problemática: como o curta *Hair Love* (2019) pode contribuir para a implementação da Lei 10.639/2003? Para orientar a escrita definiu-se como objetivo geral a intenção de identificar as potencialidades de se trabalhar o curta-metragem *Hair Love* (2019) em discussões em sala de aula sobre questões étnico-raciais. Para atingir este objetivo e a questão de pesquisa, foi realizada uma investigação qualitativa a partir do levantamento bibliográfico articulando com a Lei nº 14.533, de 11 de Janeiro de 2023 e a Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. O texto dividiu-se em quatro capítulos, e cada um destes buscou alcançar um dos objetivos específicos definidos em sua introdução.

Nesse trabalho utilizou-se a Lei nº 10.639/2003, que atualmente conta com 20 anos de sua promulgação. Essa Lei reconheceu a importância de se trabalhar a temática étnico-racial dentro de sala, tornando obrigatório trabalhar dentro das escolas, públicas ou privadas, o ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas em seus currículos escolares. Optou-se por trabalhar essa Lei, considerando sua potência de contribuir para o combate ao racismo estrutural, uma vez que o conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e africana pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação à população negra, além de contribuir para o fortalecimento das identidades e dos direitos dos afrodescendentes, de ser e estar.

Já com a Lei 14.533, o Estado brasileiro reconheceu apenas em 2023 a necessidade de se trabalhar as competências digitais dos jovens e adultos brasileiros. Contando com 4 eixos estruturantes, a Política Nacional de Educação Digital aborda as exigências cada vez mais rápidas desta transformação digital, presente em todos os setores da vida, inclusive no exercício da cidadania e no mundo do trabalho.

Decidiu-se por articular essas duas leis nesse trabalho, por reconhecer a importância de se trabalhar a educação midiática aliada à educação antirracista. Já que a educação antirracista pode ser trabalhada a partir da educação midiática ao preparar os estudantes para um consumo crítico das informações e imagens a que estão expostos diariamente, permitindo que reconheçam preconceitos e estereótipos. Além disso, consideramos fundamental desenvolver nos alunos e alunas habilidades essenciais para serem agentes de transformação da sociedade, utilizando as redes sociais para isso.

Para o primeiro capítulo, buscou-se explicar a importância de discutir as imagens dentro da escola, haja vista o intenso processo de bombardeamento de informações e imagens que há atualmente, tendo a Lei 14.533/2023 como base para se trabalhar o letramento digital com o cinema. Além disso, apresentou-se o valor didático do cinema, a partir da perspectiva de uma relação dialética entre cinema e sociedade, onde cada uma se co-constrói. Por fim, demonstrou-se o valor do cinema para perpetuar ou mudar estereótipos. Já que ao difundir imagens acerca de pessoas negras, há também o fornecimento de elementos para que os receptores construam formas de se auto representarem.

A falta de representação adequada de pessoas negras em filmes, programas de TV, publicidade e outras formas de mídia pode fortalecer estereótipos, contribuindo para a invisibilidade desses grupos e perpetuar desigualdades sociais e racismos. Sendo assim, é interessante perceber que a mídia tem um impacto significativo na sociedade na formação de atitudes e crenças sociais. Porém, assim como ela pode fortalecer, ela também pode ser utilizada para a desconstrução dos estereótipos. Isto é, a representatividade negra positiva pode contribuir para a redução do racismo a partir da inclusão de narrativas e pontos de vista diversos enriquecendo a produção cultural e artística, levando a uma ampla gama de histórias e experiências para o público.

No segundo capítulo, buscou-se trabalhar a Lei nº 10.639/2003 que visa resgatar “a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (Brasil, 2003). Ao trabalhar essa temática a partir dessa perspectiva dentro de sala de aula, torna-se possível para os os negros construir outra narrativa sobre si mesmos baseado em aspectos positivos da história e cultura afro-brasileira e africana, diversificando suas referências da cultura negra. Isto é, faz-se possível criar um autoconceito positivo sobre si, o que corrobora para o conceito de amor pela negritude, já que é um processo importante que visa trabalhar a descolonização do olhar por meio de uma autodefinição dos negros, que é uma construção de sua identidade a partir de um referencial negro, não a partir dos ideais brancos.

Além de apresentar a Lei aliada ao conceito do amar a negritude. Para essa questão, trabalhou-se o conceito de “Tornar-se negro” de Souza (2021), a qual explica que não havendo uma concepção positiva da negritude para se construírem laços de identificação, o sujeito negro tende a associar-se a um modelo de identidade que reflete o ideal branco. No entanto, é na ausência desta concepção positiva de negritude, que o sujeito negro deve se construir por meio de referenciais negros, o qual deve ser pautado no amor a si e à negritude, e na desvinculação dos ideais da branquitude.

Assim, vê-se na representatividade em *Hair Love* (2019) um exemplo de como amar a negritude é importante, já que diz respeito a uma família estruturada e amorosa lidando com uma situação cotidiana. É uma representação simples, mas muito significativa, que educa o olhar sob uma nova perspectiva. Uma perspectiva amorosa e com certa complexidade, já que é um pai e uma filha aprendendo a arrumar o cabelo juntos na ausência da mãe.

No terceiro capítulo, analisou-se o curta-metragem *Hair Love* (2019) a partir do som, das cores e dos idealizadores. Sua construção é pensada para transmitir amabilidade, e apesar de não ter muitas falas, as que têm possuem um significado especial tanto para o espectador quanto para Zuri. A partir da análise se percebe como a representatividade negra nos audiovisuais permite que pessoas negras se identifiquem com personagens e narrativas que refletem suas próprias experiências, criando uma conexão emocional mais profunda com a mídia. Assim, como aconteceu comigo, ao assistir *Hair Love* (2019), causando em mim um sentimento de ligação, já que passei pela mesma coisa depois da transição capilar.

A representatividade das telas e a premiação no Oscar transmite a força do que significa ocupar espaços e como a partir dessa visibilidade discussões são suscitadas, o que pode possibilitar outras leituras de mundo e parece ao mesmo tempo abrir brechas de desconstrução do racismo.

É interessante saber que *Hair Love* (2019) terá uma continuação chamada *Young Love* a qual ainda não tem data definida de estreia. A série é uma criação de Matthew A. Cherry e está sendo produzida em conjunto com a Sony Pictures Animation. A trama tem como foco a vida cotidiana da família Young: Stephen, Angela e a filha deles chamada Zuri, além do gato de estimação Rocky. Isto é, a série ainda tem possibilidades de continuação para retratar novas aventuras cotidianas de uma família negra.

No quarto capítulo, com a sequência didática, houve uma tentativa de traçar uma possibilidade de educação antirracista a partir de *Hair Love* (2019). Dialogando com conteúdos de história e português a partir de uma construção de um pensamento crítico, trabalhando imagens e informações com um olhar para o amor a negritude, não apenas destacando a escravidão, mas de forma positiva, na qual as heranças e a pluralidade de manifestações culturais possam ser trabalhadas. Além de apresentar possibilidades para a participação ativa dentro da internet, seja compartilhando experiências ou cobrando mudanças.

Em suma, a educação antirracista e a educação midiática podem ser articuladas conjuntamente em prol de uma luta que é necessária e constante. As possibilidades são

muitas, desde dar visibilidade a outras formas de representação a demandar representatividade. Por exemplo, a visibilidade de pessoas negras em posições de destaque nas telas pode inspirar e empoderar outras pessoas negras, mostrando que elas também podem ser protagonistas de suas próprias histórias e alcançar o sucesso em diferentes áreas. Além de em alguns momentos dar voz às histórias e experiências das pessoas negras, reconhecendo sua contribuição à cultura, à sociedade e à história como dispõe a Lei 10.639/2003.

Além disso, ao cobrar mudanças, o público pode exercer pressão sobre a indústria do entretenimento para que ela se torne mais inclusiva e diversificada em termos de criação, elenco e produção. Dessa forma, isso pode gerar maior representação negra nos audiovisuais, ao criar mais oportunidades para artistas, roteiristas, diretores e profissionais negros na indústria.

Já dentro das escolas, é necessário atentar para o monitoramento da implementação da Lei 10.639/2003 e como esta ainda é insuficiente, como aponta a pesquisa apresentada no Capítulo 2. Apesar da sua importância, ainda há muito que se avançar em sua aplicação dentro das escolas. Necessita-se intensificar a formação de professores por meio de políticas públicas de educação continuada, tanto para trabalhar Educação Midiática como Educação Antirracista, bem como lutar por políticas que obriguem as Secretarias a avaliarem melhor a implementação da Lei por meio de metas pré-estabelecidas. Dessa forma, é evidente o quanto ainda há que se avançar na discussão da temática depois de 20 anos da lei.

Como uma outra proposta de trabalho para as próprias escolas, é interessante que haja uma organização de trabalhos conjuntos entre diferentes instituições escolares que desenvolvam ações de temática antirracista. Para isso, é necessário realizar um mapeamento das escolas que promovam ações interessantes com a questão racial. Após esse mapeamento, pode-se promover encontros e trocas de experiências entre os docentes.

Por fim, este trabalho de conclusão de curso encerra minha trajetória na graduação em Pedagogia, e abre caminho para que um novo ciclo se inicie para mim. A primeira perspectiva futura que tenho é relacionada ao campo profissional. Almejo ser aprovada no concurso do MEC para trabalhar com a educação em um âmbito não formal, para a promoção de políticas de conscientização e de representatividade em órgãos públicos. A segunda perspectiva futura corresponde à carreira acadêmica, pois pretendo ingressar no mestrado e seguir pesquisando na área de educação, tecnologia e comunicação, e se possível, seguir este caminho até concluir o doutorado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- ALMEIDA, Milton José de. **A Educação Visual da Memória: imagens agentes do cinema e da televisão**. Pro-Posições. Vol. 10 n° 2, 1999.
- ALMEIDA, Milton José de. **A educação visual na televisão vista como educação cultural, política e estética**. ETD-Educação Temática Digital, v. 2, n. 1, p. 160-165, 2000.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994, 110p. (Coleção Questões da nossa época; v. 32).
- ALVES, Bernardo Marquez. **Trilha Sonora: o cinema e seus sons**. Novos olhares, p. 90-95, 2012.
- BARROCO, S. M. S., & SUPERTI, T. (2014). **Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano**. *Psicologia & sociedade*, 26, 22-31.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. (Coleção educação para todos). 2005.
- BRASIL. Conselho Nacional da Educação. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, 22 jun. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 13 de agosto de 2023.
- BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial

da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm . Acesso em: 13 de agosto de 2023.

BRASIL. **Lei no 14.533/23, de 13 de janeiro de 2023.** Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** 2ª. versão. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 13 de agosto de 2023.

CASTRO, Amanda Motta; DE OLIVEIRA, Elina Rodrigues; PEREIRA, Gabriele Costa. **EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E RESISTÊNCIA: o cabelo como posicionamento político.** Revista Pedagógica, v. 23, p. 1-18, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **O poder da autodefinição.** In: COLLINS, P. H. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CORREA, Julia Bittencourt Barbosa. **Plano de aula: A importância da educação na construção da representatividade negra e indígena.** NOVA ESCOLA, 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/historia/a-importancia-da-educacao-na-a-construcao-da-representatividade-negra-e-indigena/5555>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

CUNHA, Adrielle Soares et al.. **Educação das relações étnico-raciais e bncc: descontinuidade e silenciamento.** Anais VIII EPEPE... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83607>. Acesso em: 03 de setembro de 2023.

DA SILVA, Assis Leão; DA SILVA, Clesivaldo. **A Base Nacional Comum Curricular e a**

Educação Étnico-Racial na promoção de uma educação antirracista. Revista Eletrônica Pesquiseduca, v. 13, n. 30, p. 553-570, 2021.

DEDA, Fernanda et al. **Som e Cor na Animação “O Menino e o Mundo”.** INTERCOM-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares Da Comunicação, 2017.

DOS SANTOS, Joedson Brito; VIEIRA, Emilia Peixoto; SILVA, Tarcia Regina. **As políticas curriculares BNCC e BNC-formação no contexto da educação infantil: reflexos para a educação das relações étnico-raciais.** Debates em Educação, v. 14, p. 86-108, 2022.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Educação Antirracista. Centro de Referências em Educação Integral. 2021. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-antirracista/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20antirracista%20%C3%A9%20aquela,o%20Brasil%20e%20o%20mundo.> Acesso em: 15 de agosto de 2023.

FABRIS, Henn Elí. **Cinema e Educação: um caminho metodológico.** Educação & Realidade [en linea]. 2008, 33(1), 117-133.

FAGUNDES, Raphaela M. **Penteado Afro: Cultura, identidade de profissão.** Fundação Cultural Palmares, 2007.

FRESQUET, Adriana; ALVARENGA, Clarisse. **CINEMA E EDUCAÇÃO DIGITAL: A LEI 14.533.** Universo Produção, 2023.

FERNANDES, Rosana; ALMANSA, Sandra. **A aula, o cinema: exercício e invenção.** Saberes y prácticas. Revista de Filosofía y Educación, v. 5, n. 2, p. 1-12, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In GOMES, Nilma Lino. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. cap.1 p.39 - 62.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03.** Portal Geledés.

2011.

Disponível

em:

<https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-a-lei-1063903/>. Acesso em: 13 de agosto de 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais**: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. *Superando o racismo na escola*, v. 2, p. 143-154, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. *Currículo sem fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural. São Paulo: Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Educação, 2002.

Habilidades. EDUCAMÍDIA. Disponível em: <https://educamidia.org.br/habilidades>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Hair Love: curta animado emociona o mundo após ganhar o Oscar. Lunetas, 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/hair-love-oscar/> . Acesso em: 04 de julho de 2023.

HELLER, Eva. **A psicologia das Cores**: como as cores afetam a razão e emoção. Editora Olhares, 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática; tradução Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo. Elefante Editora, 2019.

J. Stokes. **“Hair Love” won an Oscar. Is that it?** Tit 4 Tat. 2020. Disponível em:

<https://k3mblog.wordpress.com/2020/03/13/hair-love-won-an-oscar-is-that-it> . Acesso em: 04 de julho de 2023.

JORGE, Rui Pereira. **Edição de som: algumas perspectivas**. Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura. Lisboa, Portugal: Departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Vol.2, n. 2, 2002.

KENSKI, V. M. **Tecnologias de ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LALUEZA, J. L.; CRESPO I.; CAMPS, S. **As tecnologias da informação e da comunicação e os processos de desenvolvimento e socialização**. In: COLL, C.; MONEREO, C. (org.). Psicologia da Educação Virtual: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 47-65.

MACHADO, Daniela; TOBIAS, Elisa. EDUCAMÍDIA. 5 contribuições da educação midiática à educação antirracista. São Paulo : Instituto Palavra Aberta, 2023. Disponível em: <https://educamidia.org.br/recurso/e-book-educacao-midiatica-e-educacao-antirracista>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

MENDES, Aline Moreno; DE LIMA CARNEIRO, Ana Maria; DOS ANJOS, Joseane Macedo. **Identidade e processos de subjetivação: a importância da transição capilar no enfrentamento ao racismo**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 12, p. 96657-96669, 2020.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **A educação pelo cinema**. Rev. Educação e Cinema, Unicamp: SP, p. 02, 2005.

MOREIRA, Stephanie Pinheiro. **Memes e educação midiática: “é verdade esse bilete”**. 2022. 80 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos**. Religião, Política, Identidade. Tradução. São Paulo: Educ, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004.

NASCIMENTO, Renata Melo Barbosa do. **Rio, 40 graus: representações das mulheres negras no filme de Nelson Pereira dos Santos (1955)**. Editora Appris, 2020.

OLIVEIRA, Gerson Alves de. **REPENSANDO A LEI Nº 10.639/2003: política e novas epistemologias no espaço escolar**. In: Construindo uma educação antirracista: reflexões, afetos e experiências. Neli Edite dos Santos (organizadora), Fernanda Cássia dos Santos, Gabriela Martins Silva, Léa Aureliano de Sousa (colaboradoras) – Curitiba : CRV, 2022.

Pesquisa inédita mostra engajamento das secretarias de Educação com aplicação da Lei 10.639. Portal Geledés. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pesquisa-inedita-mostra-engajamento-das-secretarias-de-educacao-com-aplicacao-da-lei-10-639/>. Acesso em: 13 de agosto de 2023.

Plano de aula - Por que os heróis nunca são negros? Portal Geledés. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-os-herois-nunca-sao-negros/>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

SILVA, Kétia Kellen Araújo da. **Modelo de competências digitais em educação a distância: MCompDigEAD um foco no aluno**. 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

RACHID, Laura. **Entenda o que é uma educação antirracista e como construí-la**. Revista Educação. 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/06/23/educacao-antirracista/>. Acesso em: 15 de agosto de

2023.

RAMOS, Sebastian; LICORI, Elaine; UTZIG, Antonia. **A visão discriminatória e estereotipada sobre o negro no contexto escolar.** Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015.

THOBIAS, Elisa. **Contribuições da educação midiática para a educação antirracista.** GAZETA DO POVO. 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/contribuicoes-da-educacao-midiatica-a-educacao-antirracista/>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

VALENTE, José Armando; DE ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Políticas de tecnologia na educação no Brasil: visão histórica e lições aprendidas.** Education Policy Analysis Archives, v. 28, p. 94-94, 2020.

XAVIER, Ismail. **A decupagem clássica,** In: O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência, São Paulo: Paz e Terra.pp.27-39.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Penso, 1998.

11 conteúdos para crianças que estimulam a educação antirracista. Portal Geledés. 2020. Disponível em: https://www.geledes.org.br/11-conteudos-para-criancas-que-estimulam-a-educacao-antirracista/?amp=1&gclid=Cj0KCQiAmaibBhCAARIsAKUlaKRx3tPTIIcrZJyVZwR_lymc8bkf3OYs4GCLTODsOchDr4Vrsf0tC6UaArTMEALw_wcB. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

30 conteúdos para a prática de uma educação antirracista. Portal Lunetas. Disponível em: <https://lunetas.com.br/serie/serie-educacao-antirracista/>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Filmografia

A Pequena Sereia. MARSHALL, Rob. Walt Disney Pictures, 2023.

A Princesa e o Sapo. MUSKER, John; CLEMENTS, Ron. Estados Unidos. Walt Disney

Animation Studios, 2009.

Hair Love. CHERRY, Matthew A.; SMITH, Bruce W.; DOWNING JUNIOR, Everett. Estados Unidos. Sony Pictures Animation, 2019.

Homem-Aranha: Através do Aranhaverso. PERSICHETTI, Bob; RAMSEY, Peter; ROTHMAN, Rodney. Estados Unidos. Sony Pictures Animation, 2018.

Marte Um. MARTINS, Gabriel. Brasil. Filmes de Plastico. 2022.

Pantera Negra. COOGLER, Ryan. Estados Unidos. Marvel Studios. 2018.

Pantera Negra: Wakanda Para Sempre. COOGLER, Ryan. Estados Unidos. Marvel Studios. 2022.